

# PESQUISAS

---

Antropologia, nr. 16

Ano 1967

---

PEDRO IGNACIO SCHMITZ  
Coordenador

ARQUEOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL

---

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

# INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

## PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

### Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — — —

**PESQUISAS** publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em tôdas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

**Pedimos permuta com as revistas do ramo.**

— — — — —

**PESQUISAS** veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

**Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.**

— — — — —

**PESQUISAS** publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

**We ask for exchange with publications of similar character.**

## ARQUEOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL

**Pedro Ignacio Schmitz** (coordenador)

**co-autores:** Fernando La Salvia, Guilherme Naue, Itala Irene Basile Becker, José J. J. Proenza Brochado, João Alfredo Rohr, Pedro Augusto Mentz Ribeiro.

O Rio Grande do Sul era até fins de 1964 praticamente inexplorado sob o ponto de vista arqueológico: neste ano começou o levantamento arqueológico patrocinado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo e o Instituto Anchietano de Pesquisas; no ano seguinte iniciou suas atividades o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas do Smithsonian Institution de Washington, tendo sido realizada grande quantidade de trabalhos em diversas áreas do Estado.

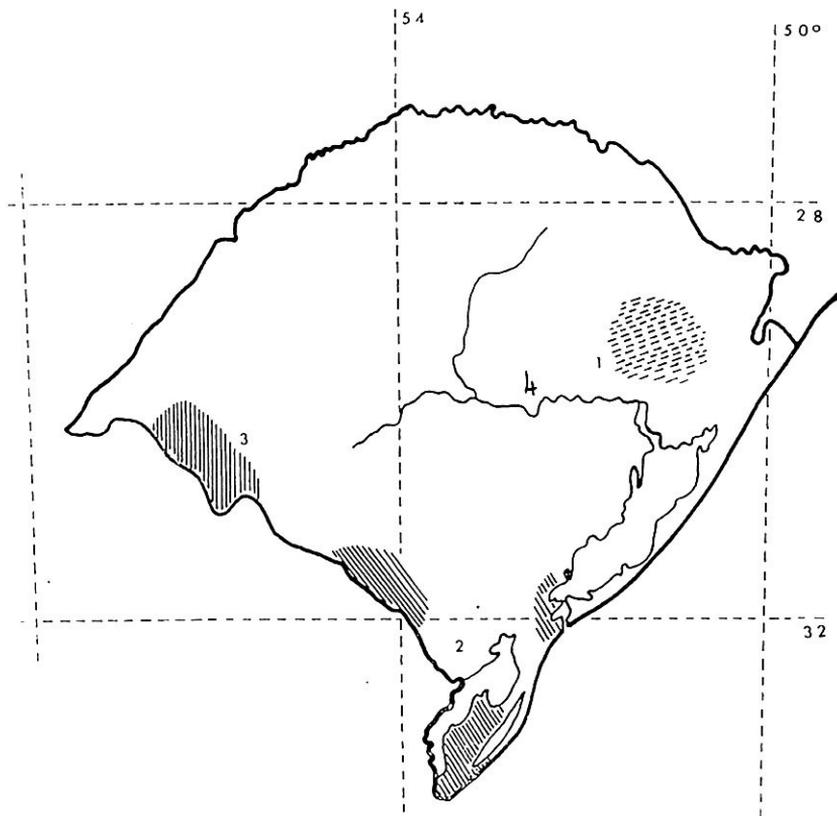
Os trabalhos arqueológicos, de que apresentamos os resultados prévios, foram realizados pela equipe de professores e pesquisadores ligados ao Instituto Anchietano de Pesquisas e à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, sob o patrocínio da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e parcialmente do Município de Caxias do Sul, do Município de Santa Vitória do Palmar e de outras entidades.

Os trabalhos referem-se às casas subterrâneas do Planalto, a aterros e cômodos em áreas alagadiças do SE, a sítios líticos do SW do Estado, e a sítios com cerâmica de tradição tupi-guarani no vale do Rio Pardinho e vizinhanças, no Centro do Rio Grande do Sul. As outras pesquisas feitas pela equipe não puderam ser incluídas neste breve relatório.

As pesquisas foram realizadas pelos seguintes investigadores: as prospecções nas casas subterrâneas por Pedro Ignacio Schmitz (janeiro/fevereiro de 1966) e Fernando La Salvia (maio a agosto de 1966); a escavação nas mesmas casas (abril/maio de 1967) por Pedro Ignacio Schmitz, Fernando La Salvia, Pedro A. Mentz Ribeiro, Itala I. Basile Becker\* e João Alfredo Rohr\*; as prospecções em Santa Vitória do Palmar (janeiro/fevereiro de 1967) por Pedro Ignacio Schmitz, Itala I. Basile Becker, Fernando La Salvia e Guilherme Naue; as prospecções em Bajé e Dom Pedrito (janeiro de 1967) por Fernando La Salvia; as prospecções em Rio Grande e Pe-

---

\* Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.



Arqueologia no Rio Grande do Sul: Áreas a que se refere o presente estudo: 1 — casas subterrâneas no planalto; 2 — cômodos; 3 — sítios pré-cerâmicos; 4 — sítios cerâmicos do Rio Pardinho. Desenho de P. I. Schmitz.

lotas, (fevereiro de 1966) por Pedro Ignacio Schmitz e José J. J. Proenza Brochado; as prospecções em Livramento e Quaraí (janeiro de 1967) por Pedro Ignacio Schmitz e Itala I. Basile Becker; as pesquisas no vale do Rio Pardinho e vizinhanças foram realizadas durante os anos de 1965 a 1967, tendo como pesquisadores a Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Pedro Ignacio Schmitz, Itala Irene Basile Becker e Guilherme Naue. Em tôdas estas áreas o trabalho está sendo continuado e as monografias de cada área estão sendo preparadas. O trabalho aqui apresentado é um relatório prévio preparado pelos diversos pesquisadores, sendo a coordenação e redação final de Pedro Ignacio Schmitz; os croquis que ilustram estas páginas de Fernando La Salvia.

### I. Casas subterrâneas no planalto do Rio Grande do Sul

O planalto riograndense, resultante de rochas efusivas básicas triásicas, na área em que foram feitas as prospecções e a escavação, apresenta altitudes entre 700 e 900 m e é separado da estreita planície lito-

rânea por uma escarpa abrupta de difícil transposição. O clima, segundo a classificação de Koeppen, cfa, é o de transição para o sub-tropical, com chuvas bem distribuídas e verões frescos.

No outono, inverno e primavera ocorrem geadas. Periòdicamente registra-se queda de neve, que entretanto não é duradoura. Os ventos, no inverno, são frios e violentos. A vegetação, na parte mais plana, é de campos limpos, interrompidos de espaço a espaço por pequenos cerrados ou bosques com pinheiros; matas mais fechadas, com pinheiros, encontram-se nos terrenos mais acidentados, principalmente nos vales escavados pelos rios.

Nesta área foram feitas prospecções rápidas, em 1960, por Allan Bryan (comunicação pessoal), depois por Igor Chmyz, em 1962, que realizou pequena sondagem numa casa subterrânea e estudou abrigos sob rocha (Chmyz, 1965). A partir de 1966 está-se realizando pesquisa intensiva nesta área. Durante os meses de janeiro e fevereiro deste ano foram realizadas prospecções, durante 11 dias, nos municípios de Caxias do Sul, São Francisco de Paula e Flôres da Cunha por Pedro Ignacio Schmitz, acompanhado primeiro por Elton A. Krause e depois por Rainer Bührmann, localizando 23 sítios de casas subterrâneas, com um total de 79 casas e diversos abrigos sob rocha, bem como alguns sítios abertos. De maio a agosto Fernando La Salvia localizou 24 sítios com 116 casas subterrâneas, sendo de notar que alguns destes sítios já tinham sido visitados anteriormente por Schmitz. Em fins de abril e inícios de maio de 1967 começou a escavação de uma aldeia de casas subterrâneas, tendo durado a primeira etapa durante 8 dias. Os dados que seguem referem-se aos resultados conseguidos nestes três períodos de trabalho.

As casas subterrâneas são conhecidas na área do planalto como "buracos de bugre", na zona colonial; como "côncavos" na zona campeira. Apresentam-se como crateras circulares no chão, medindo entre 2 e 13 m de diâmetro. Os diâmetros das 176 casas estudadas são os seguintes:

Nr. de casas	medidas em metros	Nr. de casas	medidas em metros
0	1 a 1,90	2	8 a 8,90
16	2 a 2,90	7	9 a 9,90
31	3 a 3,90	8	10 a 10,90
22	4 a 4,90	1	11 a 11,90
12	5 a 5,90	3	12 a 12,90
13	6 a 6,90	1	13 a 13,90
8	7 a 7,90	52	sem medir

A maior freqüência encontra-se entre 2 e 7 m de diâmetro.

Aguns destes buracos têm ainda mais de 3 m de profundidade, principalmente quando se encontram no mato ou no campo limpo; os que estão no meio das plantações ou em poteiros foram parcialmente entulhados por serem perigosos para os animais domésticos e estorvarem no plantio. A profundidade original das casas deve ter variado entre 2,80 e 5 m, se considerarmos apenas a parte que esteve dentro do solo.

Apesar de haver muitos buracos isolados, encontram-se com grande

freqüência dois ou mais, juntos, formando aldeias. Muitas vêzes, onde foi registrado apenas um, há informações de outros que foram completamente entulhados. A distância entre os diversos buracos de uma aldeia costuma ser de alguns metros apenas e os diâmetros dos mesmos, diferentes, distribuídos entre grandes, médios e pequenos; diversas vêzes apareceu um buraco bem grande, cercado por diversos pequenos. Em dois sítios há aglomerados grandes de casas subterrâneas, sendo um de 21, outro de 36 casas. (Ver fig 2). A distribuição das casas nos 34 sítios foi a seguinte:

1 casa em ...	13 lugares	8 casas em ...	0 lugares
2 casas em ...	9 lugares	9 casas em ...	1 lugar
3 casas em ...	2 lugares	11 casas em ...	1 lugar
4 casas em ...	0 lugares	14 casas em ...	1 lugar
5 casas em ...	1 lugar	21 casas em ...	1 lugar
6 casas em ...	2 lugares	36 casas em ...	1 lugar
7 casas em ...	2 lugares		

Os buracos foram escavados no chão, geralmente na encosta de colinas, acumulando-se a terra retirada ao redor da bôca do buraco para nivelamento do mesmo; alguns dêstes aterros chegam a 2 m de altura e alguns m de largura. As paredes internas do buraco, em diversos dêles são ainda verticais, tornando quase impossível entrar nas casas e sair delas; as casas de maiores diâmetros parecem ser as mais profundas, sendo as pequenas geralmente bem mais rasas. Ao redor das casas subterrâneas encontra-se cerâmica típica desta fase das casas subterrâneas, bem como mãos de pilão, machados polidos e outros materiais líticos. Segundo informação de moradores antigos, em diversas destas casas teriam sido encontrados recipientes inteiros de cerâmica, no fim do século passado, quando a área foi colonizada.

A tradição popular fala em galerias que teriam ligado uma casa a outra, por baixo do solo; o que de fato encontramos foram pequenas reentrâncias, nunca superiores a 3 m de profundidade e se encontram hoje praticamente sôbre o entulho que enche parte do buraco.

A fase das casas subterrâneas parece ser tipicamente campestre, encontrando-se as aldeias geralmente nos capões de mato típicos desta área. Em várias regiões praticamente todos os capões têm uma aldeia ou uma casas subterrâneas. (Ver fig. 3).

As sondagens feitas no fundo dos buracos deram os seguintes dados iniciais: de baixo de um entulho mais ou menos espêsso, encontram-se, camadas de 40 a 50 cm de terra fôfa, escura, em níveis mais ou menos nítidos, contendo cinza e carvão, às vêzes fogões bem visíveis, com ou sem pedras. Nos diversos níveis de ocupação da casa aparece cerâmica típica, mãos de pilão e implementos líticos, mas não têm sido encontrados ossos de animais, possivelmente devido à acidez do solo.

As prospecções de 1966 tinham-nos fornecido um grande número de sítios, mas a idéia que havíamos conseguido sôbre a cultura do grupo que construiu as casas subterrâneas era pequena; por isso resolvemos

fazer uma escavação sistemática numa aldeia, que apresentasse boas condições e nos pudesse fornecer o maior número de dados.

A aldeia escolhida situa-se num capão de mato de aproximadamente um km de diâmetro. Por ocasião do levantamento sistemático das evidências foram localizadas 36 casas, das quais uma especialmente grande, que se situa como um centro; a maior parte das casas estão bem próximas da grande; só duas encontram-se a uns 500 m de distância. No mesmo capão, perto das casas e espalhados entre as árvores, apareceram ainda aproximadamente 40 pequenos cômodos artificiais, que inicialmente davam a impressão de sepulturas. Sobre um pequeno morro a uns 700 m existem mais 7 casas, que estavam dentro do mesmo mato primitivo. Num raio de mais alguns km ao redor, sempre dentro de capões, encontram-se mais cinco aldeias, somando o conjunto mais de uma centena de casas e talvez represente o território de um bando ou outra unidade sócio-política.

O objetivo da escavação é colher todos os dados da cultura material, com tal cuidado que não só possamos reconstruir a aldeia ou ao menos parte dela, mas que também nos dê uma idéia tão completa quanto possível dos aspectos não-materiais do grupo. A técnica é a utilizada em altas culturas, pois as estruturas são bastante conservadas. A escavação está sendo feita por seis arqueólogos, com auxílio de aproximadamente 8 operários e a primeira etapa, a que se referem êstes resultados, durou 8 dias.

Para se ter uma idéia das estruturas existentes na aldeia, foram escolhidos para a primeira etapa da escavação, a casa grande, uma casa pequena e um cômodo. Na casa grande foi aberto um lado interno, correspondendo a aproximadamente  $2/5$  da mesma e foram lançadas trincheiras tangentes ao redor da bôca. Na casa pequena escavamos até o primeiro nível de ocupação, aproximadamente  $3/4$  da mesma, lançamos trincheiras tangentes ao redor da bôca e fizemos um corte dentro da parede para ver a estrutura da mesma. O cômodo foi cortado ao meio por uma trincheira de um metro de largura, que depois foi alargada na parte central, onde apareceram as estruturas.

Damos aqui alguns resultados prévios, que conseguimos apurar na escavação:

A casa grande, que pensamos ter um sentido especial por sua posição na aldeia e por ser completamente diferente das outras em tamanho e profundidade (casa cerimonial ou casa de homens?), tem na bôca dez metros de diâmetro. Foi parcialmente escavada na rocha, parcialmente na terra, encontrando-se o último nível ocupado a aproximadamente 5 m de profundidade. Num dos lados, para nivelar a bôca do buraco, foi feito um atêrro de aproximadamente 2 m de altura e mais que isto de largura. As paredes da casa são parcialmente de rocha, parcialmente de barro. As camadas de ocupação no interior têm aproximadamente um metro de espessura, mostrando níveis espessos de carvão e cinza, nos quais se encontra cerâmica e material lítico lascado e polido. Perto da parede de rocha encontra-se um fogão circular, feito de pedras pequenas, sobre e ao redor do qual foi encontrada bastante cerâmica típica das casas subterrâneas, coberta de fuligem, o que indica o seu uso sobre o fogo.

Junto do mesmo fogão apareceu um pedaço de mão de pilão e sôbre o mesmo um pinhão calcinado. As paredes da casa parecem ter sido completamente verticais, estando atualmente um pouco gastas pela erosão. Nas trincheiras lançadas ao redor da bôca apareceram os suportes de doze postes ou traves do telhado; são pequenos acúmulos de pedras, que podem ter servido para escorar as traves do telhado ou para sustentá-las num ângulo suficiente para a água da chuva escorrer; o declive parece ser de poucos graus. Por causa da pequena área escavada na casa grande muitos outros aspectos não puderam ser esclarecidos na primeira etapa da escavação, como por exemplo a entrada da casa e a ventilação do interior; esta última bem poderia ser feita pelo espaço existente entre o telhado e o solo, no qual se escavara a casa. (Ver fig. 4).

A casa pequena, que escavamos, era a mais profunda e limpa desta categoria, porque fôra escavada na rocha em decomposição; tem cinco metros de diâmetro e 2,80 até o primeiro nível de ocupação. Continha quase um metro de entulho de pedras e barro vermelho; só debaixo disto apareceu o primeiro nível de ocupação, marcado por grande quantidade de carvão e cacos de cerâmica. Por baixo dêste deve haver diversos outros níveis. O material encontrado dentro e ao redor da mesma é idêntico ao das outras casas subterrâneas da região e ao da casa grande. Aproximadamente no centro da casa apareceu um conjunto de pedras, que interpretamos como sendo as escoras do poste central que sustentava o telhado; nas trincheiras ao redor da bôca da casa apareceram nove acúmulos de pedras semelhantes, que seriam as escoras dos postes, que suportavam o telhado ou simplesmente os suportes das traves do telhado; êstes acúmulos de pedras estão dispostos simêtricamente de tal forma, que tendo encontrado dois, medindo a distância entre êles, podem-se encontrar com facilidade todos os outros. Só dois postes estavam muito juntos; na mesma altura, na parede interna da casa, notamos 3 grandes pedras planas encravadas na parede em distâncias iguais, formando uma escada. Tôdas as evidências indicam que encontramos a entrada da casa, que não seria subterrânea, como suspeitávamos, mas, como o telhado provávelmente estaria um pouco elevado sôbre o solo (permitindo mais fácil arejamento do interior), a entrada seria lateral, descendo-se ao fundo pela escada de pedras encravadas na parede. Mesmo que as evidências não sejam completas, esta fórmula resolveria o problema da entrada de forma simples e eficiente. A parede da casa, cavada na rocha parcialmente decomposta, havia sido revestida, ao menos na parte inferior, com pequenas lajes de diabásio colunar, como se fôssem ladrilhos ou azulejos. Acreditamos que tôda a parede tenha sido revestida de pedras devido ao grande acúmulo das mesmas (mais de 50 cm de espessura) sôbre o primeiro nível de ocupação. As paredes da casa parecem ter sido construídas da seguinte maneira: primeiro foi cavado o buraco circular no chão, tendo aproximadamente um metro de diâmetro a mais que o interior da futura casa; depois se construiu a parede de pedras e à medida que a mesma ia sendo levantada preenchia-se o espaço existente, entre o muro e a rocha, com terra. Desta forma o corte da parede apresenta o seguinte aspecto, a partir de dentro da casa: o muro ou revestimento de pedras,

um camada de terra humosa, a rocha intacta. Também aqui muitos dados ficaram para serem estudados nas outras etapas da escavação.

O pequeno cômodo escavado, bastante maior que o acúmulo de terra deixado sobre uma sepultura recente e parecido com o descrito por Métraux (1946, 466) era parecido aos outros 39 existentes no mesmo mata. Apresentava um valo semi-circular num dos lados, donde tinha sido retirada a terra para a sua construção. No seu interior foram encontrados níveis de terra humosa, contendo carvão, cerâmica do tipo das casas subterrâneas e implementos líticos lascados. Mas o que mais chama a atenção é uma estrutura alveolar complicada na parte mais alta do mesmo: trata-se de grandes alvéolos, parcialmente canais semelhantes a covas de tatu, com paredes resistentes de terra compacta de aproximadamente 3 cm de espessura. Dentro dos canais e dos alvéolos foi encontrada terra humosa e fôfa com carvão esparsos, mas nenhum sinal de osso, que indicasse tratar-se de sepulturas, como supúnhamos inicialmente. Só a abertura de outros cômodos nos poderá dizer se se trata realmente de sepultamentos, como tudo faz crer, tendo em conta que este era o tipo do sepultamento atribuído aos caingangs (Métraux, *ibidem*), ou se são estruturas de funções completamente diferentes.

Fazemos a seguir uma rápida análise da cerâmica e do material lítico, encontrados nas casas subterrâneas e nos seus arredores.

A cerâmica é típica na forma, decoração, acabamento, pasta e demais características. É a mesma que se encontra em determinados sítios erodidos ao longo do litoral do Nordeste do Rio Grande do Sul, onde foi noticiada primeiro por Theodor Bischoff (1887, 193), depois vagamente indicada por E. Roquette-Pinto (1906, 35), finalmente por P. I. Schmitz (1958, 118 e pranchas; 1966, 222s), finalmente descrita por Schmitz (Schmitz e Brochado, 1966). No litoral a cerâmica não está associada a casas subterrâneas, mãos de pilão e machados polidos, mas encontra-se em áreas erodidas ou em pequenos acúmulos de conchas marinhas, juntamente com lascas de quartzo e diabásio. Para a descrição que segue tomamos a cerâmica encontrada nas prospecções realizadas em 1966 tanto no planalto, nas casas subterrâneas, como no litoral, em sítios abertos e que se encontra no Instituto Anchieta de Pesquisas. (Ver Prancha I e II).

Tomando por base 2 recipientes inteiros e aproximadamente 900 cacos, provenientes de 24 sítios, procuramos fazer uma pequena descrição desta cerâmica: trata-se de recipientes pequenos, geralmente não maiores que 20 cm; a forma mais comum aproxima-se de um cilindro com uma das extremidades arredondada; a base muitas vezes é levemente aplanada; também existem tigelas com forma semi-esférica; (no litoral de Tôres a parede da cerâmica simples apresenta pequena inflexão); a espessura da parede é de 4 a 9 mm, com raras oscilações até 2 e 15 mm respectivamente; o diâmetro do bôjo varia entre 10 e 22 cm. A técnica usada na fabricação é a do acordelamento, a queima é mediana, a cor a do tijolo, com manchas escuras, a dureza entre 3 e 4 (escala de Mohs), a face interna geralmente apresenta leve banho de argila. Toda a cerâmica é

muito bem acabada em relação às outras conhecidas na área. As camadas de fuligem aderentes à face externa indicam seu uso sôbre o fogo.

Podemos distinguir dois tipos de pasta: a mais freqüente é fina, areienta, homogênea, não friável — chamamos a esta de Osório, o lugar onde a cerâmica foi identificada pela primeira vez. No litoral de Tôrres aparece outra pasta, contendo muitos fragmentos de quartzo e ágata de todos os tamanhos até 10 mm, sendo a pasta pouco homogênea e mais friável: chamamo-la Itapeva, o lugar onde foi encontrada pela primeira vez.

Pelo tratamento da superfície externa dos recipientes, nos 781 cacos analisados, distinguimos 4 tipos bastante definidos, que parecem associados em todos os sítios: o simples (151 cacos), o ungulado em linhas (239 cacos), o beliscado (219 cacos), o impresso (172 cacos). O número dos cacos do tipo simples não é representativo porque na maior parte das coleções, quando esta cerâmica está misturada com a conhecida como guarani, é difícil isolá-lo.

O tipo simples apresenta algumas variantes: uma borda diferente no planalto, uma parede mais fletida no litoral de Tôrres.

O tipo ungulado em linhas se caracteriza por linhas paralelas à borda, formadas com a impressão da borda da unha em sentido horizontal; estas linhas costumam ser fechadas junto da borda e às vêzes também junto da base por uma faixa do tipo beliscado.

O tipo beliscado se caracteriza por impressões, que geralmente cobrem tôda a parede externa, normalmente em forma de barras horizontais e formada de uma pequena saliência ladeada por dois aprofundamentos produzidos pela junção do polegar e do indicador em forma de um beliscão, mais ou menos forte, na pasta. Às vêzes estas impressões estão dispostas de outra forma e não em linhas.

O tipo impresso é o menos uniforme: a impressão mais comum é a de pontas de diversos formatos (138 de 172 cacos), sendo menos freqüentes as impressões circulares ou semi-lunares. )

Em alguns sítios, tanto no planalto, como no litoral, aparecem ao lado dêstes tipos, alguns cacos de cerâmica ungulados e corrugados, semelhantes aos conhecidos como de tradição guarani.

Em comparação com outros tipos de sítios cerâmicos do Estado, esta cerâmica das casas subterrâneas costuma aparecer em pequeno número em cada sítio.

Quanto aos artefatos líticos aparecem em apreciável número nesta região, isolados no terreno ou em pequenos aglomerados; a mão de pilão e os machados polidos são os mais encontrados, seguindo-se as cunhas e uns ovóides ímpares no Estado, além de raspadores e outros implementos lascados.

As mãos de pilão encontradas junto a casas subterrâneas têm entre 17 e 84 cm de comprimento, sendo a maior ocorrência entre 26 e 30 cm. Quanto a seção é muito variável, indo de círculo ao quadrado.

Comprimento		Seção	
até 20 cm	3 = 15%	Trapezoidal	8 = 30,80%
21 a 25 cm	4 = 20%	Circular	11 = 42,00%
26 a 30 cm	5 = 25%	Quadrada	2 = 7,75%
31 a 35 cm	2 = 10%	Retangular	2 = 7,75%
36 a 40 cm	1 = 5%	Triangular	2 = 7,75%
41 a 45 cm	2 = 10%	Poligonal	1 = 3,90%
46 a 50 cm	—	Total	26 = 100%
51 a 55 cm	2 = 10%		
66 a 70 cm	1 = 5%		
Total	20 = 100%		

O material utilizado é o basalto colunar, na coloração cinza e rosada, com aresta cortante, a qual foi desbastada para conseguir uma seção conveniente. Em 72,80% dos objetos houve um desbasamento total das arestas com polimento quase perfeito, enquanto nas outras formas, com pouco desbastamento, houve em alguns casos apenas alisamento como técnica final de confecção.

Os machados e batedores não são grandes, variando entre 11 e 18 cm. São polidos em ambas as faces, com o corie bem definido. Não apresentam na parte passiva ranhuras ou rebaixamentos, mas um pequeno afunilamento em forma de curvatura dá a idéia de terem sido usados com ou sem cabo, em madeira perfurada. O polimento não é perfeito, aparecendo em alguns a marca do trabalho inicial do lascamento; somente uma peça é perfeitamente polida.

Outro implemento que encontramos nesta área, junto às casas subterrâneas, é um ovóide, de contornos polidos e perfil achatado. Um dos lados é quase plano, demonstrando seu uso como mó.

Nas prospecções e na escavação apareceram lascas cortantes de cristal de quartzo retocadas ou não, bem como cristais que não apresentam sinais evidentes de trabalho ou uso; grandes lascas de basalto, com os bulbos de percussão bem visíveis, apresentando às vezes sinais de retoque, outras não; grandes raspadores terminais; facas; fragmentos de implementos polidos; seixos usados como batedores; seixos quebrados. Grande parte deste material, também as lascas de diabásio, está fortemente atacada pela decomposição.

Denominamos à associação de material aqui descrita de Fase Caxias.

Na mesma área das casas subterrâneas aparecem muitos abrigos contendo esqueletos humanos, deitados sobre a superfície rochosa das mesmas. No planalto de Santa Catarina (Bom Retiro) foi encontrada por Schmitz, em anos passados, num abrigo com numerosos esqueletos, um recipiente da cerâmica aqui descrita, que parecia associado aos esqueletos; no Rio Grande do Sul os esqueletos costumam vir desacompanhados de

implementos ou material identificador e tal associação não pôde ser até agora comprovada.

A área das casas subterrâneas, no Rio Grande do Sul, ainda não foi determinada completamente; até o momento só foram encontradas no planalto. O mesmo tipo existe também no planalto catarinense (João Alfredo Rohr e Anamaria Beck, com. pessoal) e no paranaense (Chmyz, 1965, 48; 1967, manuscrito); para o planalto paulista, onde foram noticiadas no século XVI (Soares de Souza, 1938, 111) ainda não foram estudadas arqueologicamente.

A área da cerâmica das casas subterrâneas também ainda não foi definida: até agora foi encontrada no planalto do Rio Grande do Sul e no litoral do mesmo Estado, adjacente. No litoral em sítios rasos, com ou sem conchas. No litoral do Sul de Santa Catarina (Rohr, com. pessoal); no Alto Iguazu (Chmyz, 1967, manuscrito).

As casas subterrâneas, segundo a informação de Soares de Souza, ainda devem ter existido ao tempo da Conquista e são atribuídas ao antipo Guaianá do planalto. Assim escreve êle que os guianá do planalto paulista viviam "em covas pelo campo debaixo do chão, onde mantêm fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama e peles de alimárias que matam". (Soares de Souza, 1938, 111). Telêmaco Borba refere-se também a tais casas no Paraná e recolhe a tradição oral de que teriam servido de moradia aos "bugres". (Chmyz, 1965, 48). Para o Rio Grande do Sul, onde o europeu chegou mais tarde não se conhecem até agora informações antigas de cronistas, sendo possível que êste tipo de habitação já tenha estado abandonado, quando aqui chegaram os missionários espanhóis. Os guaianás do planalto e seus descendentes caingangues viveram posteriormente em casas de palha em cima do chão (Metrax, 1946, 453s e fig. 57). Quando se tenha dado a transição ainda não nos é possível dizer.

## II. CÔMOROS NA REGIÃO SUDESTE

Em três áreas do Sudeste foram estudados cômoros artificiais, localizados em zonas pantanosas ou inundáveis: junto da Lagoa Mirim, nas nascentes do Rio Negro e na margem meridional da Lagoa dos Patos. Embora pareça haver diferenças regionais, as características gerais são comuns.

### A. Aterros em Santa Vitória

Santa Vitória do Palmar, o município gaúcho mais meridional do Brasil, é uma faixa de terreno baixo, imprensado entre a Lagoa Mirim e o Oceano e cortado no sentido Norte-Sul por outra lagoa de grandes dimensões, a Lagoa Mangueira. O terreno entre as duas lagoas consta de estreitas lombas de pequena altitude, entremeadas de depressões originadas pelo escoamento das águas pluviais e de várzeas marginais a lagoas e arroios (Mello, 1912, 72); entre a Mangueira e o Oceano existe uma faixa de areia com dunas.

A altitude média do município é de cinco metros sôbre o nível do Oceano, não havendo elevações dignas de registro. A paisagem é domi-

nada pela planura e a água das grandes lagoas, de pequenos arroios e dos intermináveis banhados. A temperatura média anual é de 16°5' (B. Fortes, 1959, 175). No período das chuvas, que se estende de março a setembro, os arroios, os banhados e as lagoas transbordam, alagando os terrenos baixos vizinhos e transformando a paisagem num imenso lago, onde apontam alguns "cerritos", sôbre os quais se refugia o gado. A maior parte dêstes cerritos são aterros indígenas, que têm sido conservados exatamente por causa de sua utilidade para os fazendeiros: servem de dormitório e de abrigo do gado no tempo das inundações.

A vegetação da área compõe-se principalmente de gramíneas baixas, constituindo campos limpos, encontrando-se capões de mato, ou vegetação arbustiva apenas junto de alguns arroios (D'El Rei, Chui, S. Miguel), em ilhas e pontais da Lagoa Mirim (Mello, 90). Nestes matos não existe madeira de lei (idem, 92); nos banhados de fundo arenoso crescem juncos, palha de Santa Fé e palha de penacho, ao passo que nos banhados de fundo limoso existem aguapés (idem, 92). Na margem oriental da Lagoa Mirim existe um palmar de butiás de 18 km de comprimento por 6 de largura, donde veio ao município o nome de Palmares (idem, 97).

A fauna primitiva não deve ter sido abundante e variada, aparecendo capivaras, veados, avestruzes, tatus, aves aquáticas; o peixe é abundante em todos os banhados e lagoas (idem, 97ss).

A população nativa do município nos primeiros séculos após a Conquista parece ter sido da família charrua, isto é, do grupo pampeano. Em inícios do século XVIII os brancos ocuparam a região para criação de gado, que continua a ser a ocupação principal da população, ao lado de granjas de arroz introduzidas faz uns 20 anos. A população atual é de origem portuguesa e parcialmente espanhola, devido a ser fronteira com a República Oriental do Uruguai.

Antes de nossa expedição em janeiro/fevereiro de 1967, nenhuma pesquisa regular havia sido feita no município. Delaney (1965, 69) tinha chamado atenção para os aterros dos índios, dizendo que nunca haviam sido estudados e dando algumas informações sôbre os mesmos.

A expedição ao município durou 15 dias, tendo por objetivo o levantamento pormenorizado dos sítios, incluindo formas, alturas, disposição em relação à água, agrupamento ao redor de arroios, banhados, lagoas, distribuição dos cerritos em aldeias, estrutura interna dos cerritos e material arqueológico. Foram localizados 46 sítios, com um total de 138 aterros, denominados regionalmente de "cerritos" e três sítios erodidos, com o mesmo tipo de material. Os "cerritos" praticamente todos estão em bom estado de conservação e atualmente não correm maior perigo de destruição, devido ao seu conteúdo excessivamente pobre e à preocupação das autoridades e das pessoas cultas do município.

O que são os cerritos?

Pequenos cômoros, praticamente circulares, oscilando entre 20 e 80 m de diâmetro (com a maior freqüência entre 25 e 50 m), com altura variando entre 30 e 300 cm (estando a maior freqüência entre 50 e 250 cm), geralmente sôbre pequeno barranco (um a cinco m), junto de

arroyos, banhados ou lagoas, nunca em campo sêco. O tôpo dos cerritos costuma apresentar uma plataforma, que seria o lugar onde se encontrava a habitação; o declive para o lado da água é geralmente maior que para o lado do campo, devido à inclinação do solo nesta direção; alguns cerritos estão circundados por um ou dois valos e alguns têm uma plataforma em anel na metade do declive. Os cerritos são vistos de longe, no campo, devido à planura geral do mesmo e, em tempos de enchentes, são praticamente os únicos pontos secos em regiões imensas. Embora muitos estejam isolados (8 sítios), na maior parte das vêzes encontram-se em grupos de 2 a 8 (sendo a maior freqüência entre 1 e 3), formando aldeias, próximas umas das outras. As distâncias entre os cerritos de uma aldeia podem ir de poucos metros a aproximadamente 1 km. A distância dos cerritos em relação à água, no verão, é pequena, algumas dezenas de metros, no máximo algumas centenas de metros. Nas aldeias costuma haver cerritos maiores e menores, sendo geralmente os de maior diâmetro os mais altos. Os cerritos que estudamos estão distribuídos da seguinte forma: ao longo do Chuí (19 sítios), do d'El Rei (14), do Pastoreio (4), do Provedores (4), da Lagoa Mirim (2 em barrancos altos), da Lagoa Mangueira (1), sôbre a costa do Oceano (nenhum). Os 3 sítios abertos localizam-se: um sôbre o Oceano, um na desembocadura do Chuí, um sôbre a Lagoa Mirim. (Ver fig. 5 e Prancha III.

A cobertura dos cerritos também faz com que sejam vistos de longe: em cima dos mesmos, devido à diferença do solo e à perturbação do mesmo, encontra-se grama mais verde, além de outras plantas típicas de solos mais ricos e perturbados: cabelo de porco, cardos, carrapixos, mata-cavalo, carqueja. Por serem dormitórios e abrigos de gado costumam estar coberto de estrume.

A superfície acha-se bastante perturbada, em regra geral, pelas escavações dos touros, dos zorrilhos, tatus e corujas do campo. Com exceção de dois, que se encontram na periferia de mato, todos os cerritos visitados encontram-se no campo.

Tôda a terra do cerrito foi acumulada pela mão humana, não se sabendo se para formar um atêrro diretamente, ou como atêrro e ao mesmo tempo como dejetos. Os materiais arqueológicos encontrados atestam a ocupação humana desde a base até o tôpo. O cerrito assenta sôbre o solo do campo, encontrando-se na base uma camada típica de areia clara por sôbre a grêda, na mesma seqüência e espessura em que existe no campo circunjacente. O solo do cerrito é pardo escuro, parcialmente arenoso, fôfo em relação ao solo do campo dos arredores, contendo restos orgânicos (humus) e materiais arqueológicos (carvão, ossos, pedras, cerâmica etc.). Só raramente se conseguem distinguir estratificações, como sejam fogões (solo mais consistente, contendo grânulos de carvão), ou níveis de areia mais clara. Em geral o solo é praticamente homogêneo em todo o cerrito.

O conteúdo arqueológico dos cerritos é o seguinte:

a) Raros grânulos de carvão. A região praticamente não tem árvores, de modo que o indígena teria muita dificuldade de encontrar lenha

para os seus fogos, tendo de utilizar provavelmente plantas dos banhados e outras, que por sua natureza, não deixam carvão granulado. Este é encontrado com certa abundância apenas em áreas em que existe mato natural, principalmente nos Provedores.

b) Ossos de animais, quebrados e/ou calcinados, representando restos de comida, são muitos freqüentes em diversos lugares da bacia do Chuí. A quase totalidade dos ossos, que se conseguem são de animais de pêlo, não se tendo registrado no primeiro exame ossos de peixes ou freqüência de ossos de aves. A maior parte dos ossos parecem ser de um animal de porte médio, como a capivara, que ainda hoje é abundante nas regiões pantanosas. Não se encontraram nas trincheiras ossos de cavalos ou de gado vacum, que poderiam indicar contato com os brancos. Também ainda não foi possível registrar ossos trabalhados.

c) Apesar de várias informações de descoberta de ossos humanos em cerritos (inclusive alguns ossos nos foram posteriormente enviados), pessoalmente não encontramos nenhum vestígio de sepultamento.

d) Também não nos foi possível registrar sinais de casas ou cabanas.

d) A cerâmica encontrada na superfície praticamente de todos os cerritos erodidos, foi encontrada também nas prospecções, ao menos até certa profundidade, nunca até a base, o que entretanto pode ser acidental.

A cerâmica encontrada nos cerritos pode ser dividida em alguns tipos. Três tipos simples aparecem, sendo dois bem definidos (Cerritos e Palmares) e um outro ainda inseguro, além de cacos avulsos.

O tipo Cerritos simples tem as seguintes características: manufatura acordelada; antiplástico de areia fina muito abundante, bem distribuída na pasta; textura uniforme, muito friável; fratura completamente irregular; núcleo pardo-escuro e queima muito incompleta. A cor da parede interna e externa apresenta tonalidade cinza e vermelho; a maior parte dos cacos tem as superfícies completamente erodidas. Os bordos ou são diretos ou contraídos, o lábio geralmente arredondado. A espessura da parede varia de 3 a 15 mm, predominando 10 mm. O tamanho da bôca mais freqüente está entre 32 a 38 cm, sendo as paredes simples e a forma provavelmente semi-esférica. 208 cacos analisados.

O tipo Palmares simples apresenta as seguintes diferenças em relação ao anterior: antiplástico de areião grosso de granito, produzindo uma pasta muito grosseira; é menos friável; o núcleo é avermelhado; a queima melhor. A cor das paredes é avermelhada. A superfície externa às vezes bastante mal alisada. A espessura da parede varia de 4 a 11 mm, predominando 10 mm. 86 cacos analisados.

Existem ainda 29 cacos com muito menos areia na pasta que o Cerritos; a cor do núcleo é cinza escuro; a cor das paredes é amarela-parda; a erosão das paredes é muito menor que os dois casos anteriores; numa borda existe uma perfuração para suspensão; o tamanho da bôca parece

ser maior: entre 34 e 40 cm. Ainda não fizemos dêle um tipo por causa da pequena quantidade dos cacos.

Com a mesma pasta do Palmares encontram-se dois cacos corrugados e dois ponteados.

Num dos sítios ainda apareceu uma conta de barro, cilíndrica, com 2 cm de comprimento por 1 cm de diâmetro e perfuração central no sentido longitudinal.

Os tipos Cerritos e Palmares aparecem praticamente em todos os sítios, sendo normalmente o primeiro mais numeroso que o segundo. O pequeno número de cacos não permite uma estatística.

f) Outro elemento comum e muito abundante em todos os cerritos, ao lado da cerâmica, são pequenas lascas de quartzo, acompanhadas de algumas lascas de outras rochas, como basalto e granito; parecem ser resíduos de lascamento irregulares, sem evidências de retoques ou de utilização. São muito abundantes nos sítios sôbre as margens do Chuí.

Além dêstes materiais, que encontramos pessoalmente, outros nos foram dados, ou tivemos oportunidade de estudar em coleções. Materiais que ainda provém com segurança de cerritos são: numerosos boleadeiras de tipos variados, sendo as mais comuns as elípticas com sulco polar e as esféricas sem sulco; 7 machados com garganta; polidores elípticos associados ou não, na mesma face com uma pequena depressão semi-esférica polida ou picoteada (popularmente "quebra-coquinho"); pedras de formas variadas com uma ou mais pequenas depressões semi-esféricas geralmente polidas ("quebra-coquinhos"); pequenos ou grandes cilindros, com ou sem estas depressões; pequenas pedras, aproximadamente do tamanho das boleadeiras com várias facetas (geralmente 6) côncavas; seixos utilizados como batedores simples ou de arestas; instrumentos com entalhe; pontas de flechas com pedúnculo. Parece que os cerritos e os sítios abertos contêm material arqueológico idêntico. (Ver Prancha IV).

A pequena quantidade de machados, 7 ao todo, deve estar ligada com a falta de madeira no município.

Ao conjunto dêstes elementos, com as suas formas características, denominamos "Fase Cerritos".

## **B. Cômoros nas nascentes do Rio Negro**

Uma outra área de cômoros semelhantes encontra-se nas nascentes do Rio Negro e do Ibicuí e banhados dos municípios de Dom Pedrito e Bajé. A quota altimétrica desta região vai de 120 a 160 m, aproximadamente, sôbre o nível do Oceano. Os dois rios e seus afluentes formam nesta região uma série de lagoas e pântanos, sendo os responsáveis pelas inundações que esta região experimenta durante o inverno. Um sem número de sangas, lagoas temporárias e pântanos são encontrados por tôda a área.

A vegetação é campo natural, com pequenas ilhas de área cultivada, predominando o milho e a mandioca. A vegetação de porte só é encontrada ao longo dos rios, arroios e sangas, aparecendo em manchas contínuas ou isoladas. O mato é ralo, predominando a corticeira, mamica-de-cadela, coronilha, capororoca etc. A fauna ainda é bastante rica, com

grande quantidade de peixes, animais de pêlo como a capivara e aves variadas.

Dentro desta área, que fica com aproximadamente 70% da sua superfície coberta de água durante as cheias dos rios, foram encontradas as evidências arqueológicas sob a forma de montes de terra, com altura e diâmetro variável, de forma elíptica ou circular, apresentando na parte superior um plano. Estes montes de terra, segundo depoimentos, são os únicos que ficam a descoberto durante as cheias, recolhendo-se aí toda a caça existente na região. A vegetação que os recobre, como nos cerritos de Santa Vitória, é bem diferente daquela que é natural da região, aparecendo carqueja, carquejinha, cardos etc.

Também aqui os cômoros encontram-se em terrenos alagadiços ou inundáveis, mas em pontos mais altos e geralmente mais afastados do rio ou arroio. O número de cômoros nos 7 sítios estudados é o seguinte:

- 2 cômoros em 2 lugares
- 3 cômoros em 2 lugares
- 6 cômoros em 2 lugares
- 8 cômoros num lugar

As alturas dos mesmos estão distribuídas entre menos de meio metro e 2,50 m; o diâmetro vai desde 7 a 80 m, sendo a maior frequência entre 15 e 30. Enquanto em Santa Vitória os cômoros são praticamente todos circulares, aqui são freqüentes os elípticos ou alongados.

A composição também parece ser um pouco diferente: na parte superior existe uma camada de uns 25 a 30 cm de terra cinzenta do campo; depois segue uma camada de terra preta, contendo carvão granulado ou não, juntamente com ossos de animais, lascas de arenito, pontas de flecha; esta camada atinge num dos cômoros escavados a 50 cm de espessura, o que é muito menos que na região anterior; por baixo desta camada segue areia ou novamente terra cinzenta.

Nas coleções dos fazendeiros aparecem boleadeiras, pontas de flechas, polidores, pequenos cilindros.

Em dois sítios abertos, mas que não são cômoros, apareceram pontas de flecha, lascas de arenito fritado, cerâmica do tipo de Santa Vitória.

Como se vê as características gerais destes cômoros são as dos cerritos de Santa Vitória, podendo as diferenças observadas serem possivelmente atribuídas à pequena quantidade de material coletado e/ou a modificações produzidas pelo meio-ambiente diferente ou à passagem do tempo.

### **C. Cômoros na beira meridional da Lagoa dos Patos**

Uma terceira área de cômoros estudados encontra-se na parte meridional da Lagoa dos Patos, nos municípios de Rio Grande e Pelotas, nesta área não mais como único fenômeno arqueológico, mas lado a lado com sítios de tradição tupi-guarani. Aproximadamente nesta altura se poderia ter dado o contato entre a cultura de tipo floresta tropical, como os tupi-guaranis e a de tipo pampeano de que possivelmente os cômoros são

representantes. Alguns elementos encontrados nos cômoros, principalmente na cerâmica, talvez possam ser interpretadas como conseqüências do contato.

Os cômoros desta área encontram-se todos sôbre os terrenos extremamente planos, que margeiam a Lagoa dos Patos no estreitamento de sua extremidade sul, entre a desembocadura do canal de São Gonçalo e a ilha de Torotama. Encontram-se ou nas proximidades imediatas da praia da Lagoa, ou um pouco mais para o interior, a distância nunca superiores a um quilômetro e sempre entre a margem da Lagoa e a primeira linha de antigas dunas já fixadas, que a acompanha a distâncias variáveis. O solo é por tôda parte areia branca, fina, com rala vegetação rasteira, formando campos. Êstes terrenos são freqüentemente sujeitos a inundações devido às dificuldades de drenagem. A Lagoa dos Patos é rasa em grande extensão e suas águas são salobras.

Os cômoros encontram-se isolados ou em grupos, que parecem ser bastante numerosos, não muito distanciados uns dos outros, mas a distâncias muitíssimo maiores que nas duas áreas anteriores.

Uma grande parte dêstes cômoros encontra-se em fase de destruição, seja pela utilização como roçados, abrigos para o gado, mas principalmente porque foram demolidos para vender os elementos calcáreos que continham para fábricas de adubos locais. Praticamente só escaparam os que eram pobres nestes conteúdos, i. é em conchas, cinzas e ossos e que parecem constituir a minoria.

O número de cômoros nesta área deve ser bem grande, tendo-se nesta prospecção de poucos dias realizado cortes em cinco dêles.

Os cômoros, quando intactos, apresentam-se como calotas de base elíptica ou circular, medindo entre 25 e 100 m de diâmetro maior e de 1 a 2 m de altura. São constituídos de solo arenoso, em geral friável, de coloração cinza-escuro, com grande quantidade de ossos de peixe e carvões e níveis de cinzas bem espessos. Carapaças de moluscos são geralmente raras e em um dos sítios estudados observou-se a existência de uma camada de ossos de peixes e cinzas, fortemente amalgamados, formando brecha bastante resistente. Em certos níveis encontram-se também lentes de carvões ou de coquinhos carbonizados, partidos ou não.

Pelo menos nas camadas superiores, até uns 40 cm de profundidade, de todos os cinco cômoros prospectados, observou-se a presença de uma cerâmica característica, que é ao menos parcialmente diferente da cerâmica de Santa Vitória descrita anteriormente. Com a cerâmica aparecem seixos utilizados, lascas, principalmente de quartzo e seixos com pequenas depressões semi-esféricas.

A cerâmica é relativamente abundante em todos os sítios.

Os moradores tinham em seu poder diversos implementos líticos. De basalto negro, polido, são alguns machados de pequenas dimensões, possíveis batedores de perímetro mais ou menos circular e um grande fragmento de um polidor elíptico, pouco profundo; um machado grande com garganta, conseguido por picoteamento em granito. Todos os implemen-

tos provinham, segundo as informações, das escavações efetuadas nos cômodos para a retirada do material utilizado como adubo. Nesta ocasião também teriam sido encontrados muitos sepultamentos em bom estado de conservação.

Nos cômodos, bem como em dunas ocupadas, aparece um tipo de cerâmica que se chamou de Vieira (Schmitz e Brochado, 1966). As características gerais são as seguintes: a manufatura é por acordelamento; o antiplástico de areia ou areião, bastante grosseiro; a pasta é áspera e pouco compacta; a queima irregular e incompleta; a côr nos cacos mais bem queimados geralmente é rosada ou laranja interior e exteriormente, nos menos bem queimados é cinzenta no interior e preta no exterior; notam-se grandes diferenças de côr de um caco para outro e da parede interna para a externa: a parede interna é perfeitamente alisada, tendo-se-lhe aplicado um banho por flutuação das partículas mais finas. A superfície externa é apenas grosseiramente alisada, apresentando irregularidades, cavidades e arranhões ou sulcos profundos irregularmente distribuídos, às vezes também impressões de palha principalmente na base; mais freqüente e tipicamente apresenta impressões regulares e muito leves da polpa do dedo em tôda a superfície externa, produzindo um aspecto semelhante ao corrugado da tradição guarani, mas tão suave que a superfície apresenta o aspecto geral de alisada anies que a de corrugada. A impressão da polpa parece ter sido feita depois do alisamento e não tem a função de juntar os rolos como no corrugado. A forma dos vasos é simples, semi-esférica ou sub-esférica, apenas restringida ou bastante aberta. As dimensões são médias ou pequenas, não passando provàvelmente de entre 30 e 36 cm de diâmetro por menor altura. A espessura das paredes varia entre 5 e 8 mm.

Observa-se ainda a existência muito freqüente de orifícios bicônicos, junto às bordas das vasilhas e que teriam servido para a sua suspensão.

Esta cerâmica se assemelha bastante ao tipo Palmares descrito anteriormente, estando a diferença mais aparente no tratamento da superfície externa, na coloração; bem como na existência ou não dos orifícios de suspensão e de banho.

Nos cômodos visitados, a cerâmica Vieira aparece desacompanhada de qualquer outra. Nas dunas ocupadas, de que não tratamos aqui, associa-se ocasionalmente à cerâmica de tradição tupi-guarani. Em dois dos cinco cômodos observou-se a existência, em vez da cerâmica Vieira, de uma outra diferente que, devido a ser constituída de fragmentos muito pequenos, não foi ainda suficientemente caracterizada e que provàvelmente é aparentada com a cerâmica dos aterros de Santa Vitória.

À primeira vista aparecem as diferenças entre os cômodos da Lagoa dos Patos e os aterros de Santa Vitória: isolados na primeira área, formando aldeias na segunda; contendo principalmente ossos de peixes junto da Lagoa dos Patos e ossos de animais de pêlo em Santa Vitória; também a cerâmica é diferente, podendo-se talvez pensar no digitado da cerâmica Vieira como um fenômeno de aculturação em contato com grupos tupi-guarani. Mas também se poderiam ressaltar outras tantas semelhanças

entre os dois tipos de cômoros e talvez tenhamos de pensar os cômoros da beira meridional da Lagoa dos Patos como o ponto avançado da tradição pampeana que vem subindo o Rio Negro a partir do Delta do Prata. Só pesquisas futuras poderão resolver as nossas dúvidas.

O cômodo, com a sua cultura, certamente é um elemento meridional, ligado ao pampa. Tudo indica tratar-se de uma cultura recente; num sítio erodido aparece cerâmica portuguesa antiga associada com o material típico dos cerritos; o que entretanto nada prova por se tratar de sítio erodido; nas prospecções, em nenhuma das três áreas de cômoros, foi encontrado algum sinal de contato com o branco, de modo que devemos concluir que provavelmente os cômoros são anteriores à chegada do europeu. Pensar que a cultura é da grande família charrua é uma hipótese que provavelmente se vai comprovar, mas para a qual ainda não temos argumentos absolutamente convincentes. Também para as variações observadas de uma área para outra ainda não temos explicação.

Outro fato que é preciso ressaltar é de que não se trata de sambaquis, na acepção em que este termo costuma ser empregado, porque não se localizam, nem localizaram, sobre a costa do Oceano, não contém conchas e na maior parte das vezes deve ter-se tratado de caçadores de terra firme, que aproveitaram as áreas alagadiças por causa da caça abundante ali existente; na beira da Lagoa dos Patos a pesca parece ter exercido um papel mais importante que a caça, mas isto pode ser uma exceção.

Dissemos que os cômoros devem ser um elemento meridional, que têm seus pontos avançados na parte meridional da Lagoa dos Patos. De fato, a área dos cerritos, cômoros e aterros, de acordo com os dados publicados e as informações que conseguimos, se estende desde o Delta do Prata, ao longo do rio Uruguai e do Negro, até a cidade brasileira de Pelotas, sempre em terrenos baixos e alagadiços e junto da água. A cultura dos mesmos, entretanto, apresenta nuances bastante acentuadas.

A área maior de cerritos, de que temos notícias, situa-se ao redor da Lagoa Mirim, em território brasileiro e uruguaio. Em território brasileiro foram abordados pela primeira vez por Delaney (1965, 69 e fig. 28). Em território uruguaio foram mencionados para diversos tributários da Lagoa Mirim e banhados vizinhos, correspondentes aos Departamentos de Rocha, Treinta y Tres, Cerro Largo, nas regiões de India Muerta, Estero de Pelotas, San Luiz, Jaguarão (Serrano, 1936, 107; Vidart, 1962, 19; Sosa, 1957, 104; Taddei, 1967, comunicação pessoal; Santos, 1965, 19s; idem, 1967, 8).

Outra área grande de cômoros situa-se no Alto Rio Negro, em território brasileiro também nas nascentes do Ibicuí. Para o Uruguai são mencionados para os Departamentos de Rivera e Cerro Largo (Sosa, 1957, ibidem; Taddei, 1967, ibidem; Santos, 1965 e 1967 ibidem); em território brasileiro estão sendo estudados nos municípios de Bajé e Dom Pedrito.

Os cômoros mencionados até aqui têm uma cultura bastante uniforme, parecendo haver grandes variações em relação às áreas seguintes.

A outra área de cômoros estudada neste trabalho é a da margem meridional da Lagoa dos Patos.

Em território Uruguaio são ainda conhecidos cômoros no Rio Negro Inferior, situados em ilhas e territórios próximos no Departamento de Soriano (Sosa, 1957, 104). Também do Rio Uruguai Inferior tanto do lado uruguaio como argentino (Serrano, 1936, *ibidem*; Sosa, 1957, *ibidem*; Taddei, 1967, *ibidem*). Ainda do Delta e Paraná Inferior (Serrano, 1936, *ibidem*; Sosa, 1957, *ibidem*; Tôrres in Serrano, 1936, *ibidem*).

### III. Sítios pré-cerâmicos na campanha Sudoeste

Esta área só era conhecida arqueologicamente pelas breves notas de Balduino Rambo (1946, 234 ss) sobre um sítio pré-cerâmico nas proximidades do Jarau. Em nossa pesquisa de 15 dias conseguimos localizar 7 sítios, todos pré-cerâmicos, nos municípios de Livramento e Quaraí. Apesar da proximidade com a área de cômoros das nascentes do Rio Negro e Ibicuí, nenhum sítio daquele tipo foi por nós descoberto.

A região aqui estudada pertence ao pampa, com seu relêvo típico. Constitui-se de extensa planície suavemente inclinada para o Rio Uruguai. É pontilhada de coxilhas tabulares no centro e drenada por cursos d'água em leitos rasos. As coxilhas ora apresentam continuidade, ora se interrompem deixando à mostra cerros isolados. O elemento petrográfico essencial na fisionomia da área é o arenito. Mas as elevações, em tôda parte, têm a seguinte estrutura: arenitos moles na base, arenitos gradativamente mais duros e arenitos fritados nos flancos, uma capa de meláfiro no tôpo (Rambo, 1956, 115). Os sítios arqueológicos, por causa do arenito fritado, que constitui a matéria-prima dos implementos, costumam situar-se sobre ou perto dos cerros. O único sítio que nos forneceu apreciável quantidade de material e que é o mesmo estudado por Rambo, situa-se sobre um dique de arenito. Na República Oriental do Uruguai também os sítios mais ricos encontram-se nas proximidades dos diques, sendo então normalmente chamados de oficinas. O arenito fritado dos diques, no lado brasileiro, apresenta tonalidades diferentes de vermelho, azul, verde, cinza. A área pertence à bacia do Uruguai, sendo dominada por dois de seus afluentes: o Quaraí, formando divisa com a República do Uruguai e o Ibicuí com dois poderosos tributários, o Santa Maria e o Ibirapuitã. A vegetação típica da área é o campo gramináceo, em comparação com o qual as outras formações vegetais quase desaparecem na fisionomia da paisagem. Existem pequenas áreas de mata na encosta do rio Uruguai, capões, mata arbustiva e outras formações espalhadas pelo território. Entre as espécies selvagens da fauna temos o veado, a capivara, a paca, o tatu, o zorrilho, a rapôsa, o avestruz, o marrecão e grande variedade de outras aves.

A área parece ter sido habitada ao tempo da Conquista por grupos indígenas da família pampeana (charruas, minuanos e outros), posteriormente situaram-se ali estâncias jesuíticas das reduções espanholas e em inícios do século XIX começou a ser dominada pelos portugueses, na luta contra o Prata, estabelecendo ali acampamentos de soldados e estâncias de criação.

Durante os quinze dias que permanecemos na área para um levantamento pormenorizado, apenas 7 sítios foram localizados. Isto se deve ao fato de que a área é pouco cultivada, de modo a que o material não aflora à superfície e por isto não é notado. Além disso os sítios são pobres, tendo fornecido a maior parte dêles apenas alguns implementos. ,

Os sítios da área se caracterizam apenas pelo material lítico superficial; num único sítio encontramos camadas que permitem uma escavação, mas como o material é pouco abundante, ela não é compensadora. O material costuma estar espalhado pelo campo, ou aflora à superfície ao longo de estradas e caminhos (4 de 7 sítios); os sítios situam-se geralmente sôbre ou na encosta de cerros (perto dos diques de arenito fritado) e nas proximidades de sangas ou arroios; apenas em dois casos nas proximidades de mato. Com exceção de boleadeiras, pedras lenticulares e um polidor, que se encontram nos sítios, ou espalhados pelos campos, todo o resto do material é de pedra lascada; nem mesmo informações sôbre cerâmica conseguimos.

Devido às condições dos sítios, nossa pesquisa teve de se restringir, com exceção de um caso, em que fizemos pequena prospecção, à coleta superficial sistemática do material.

O estudo superficial dos implementos revela imediatamente que se trata de várias fases, porque de um sítio para outro existem diferenças bastante marcadas na matéria-prima, na forma, tamanho, fabricação e função dos implementos, mesmo que seja difícil, por causa do pequeno número de peças de cada sítio, fazer uma classificação satisfatória do material.

Numa primeira aproximação distinguimos raspadores, facas, pontas, pedras, com entalhe, bifaces.

Entre os raspadores há os de lasca, que são mais finos e pequenos, podendo-se distinguir as lascas sub-circulares, onde o bordo ativo ocupa aproximadamente 1/3 do bordo; as lascas alongadas, onde o bordo ativo é terminal; e os que não se enquadram nestas categorias. Há também os de bloco muito maiores e mais grossos, podendo-se separar dois tipos fundamentais: os aproximadamente discoidais, mais ou menos altos; e os terminais geralmente bem altos; além dos que não se enquadram nestas categorias. Uma grande parte dos raspadores é parcialmente cortical na face convexa. Muitos raspadores têm no bordo ativo uma ponta preparada intencionalmente. Entre os raspadores de lasca aproximadamente circulares existem dois bem pequenos, unguiformes; entre os de bloco, discoidais, há os semelhantes a dorso de tartaruga e chapéu de gendarme francês; entre os de bloco terminais existe um carenado e outros em forma de plaina.

As facas são feitas de lascas de tamanhos e formatos variados. Distinguimos dois tipos: facas com 1 e com 2 gumes. As facas de um gume, em diversos tamanhos, tem os retoques geralmente finos e contínuos, formando o bordo ativo; na maior parte das vêzes o lado correspondente ao dorso da faca é grosso e a seção gume-dorso triangular. As facas de 2 gumes são de formas aproximadamente triangulares, os retoques finos

e contínuos. Algumas das peças que denominamos de facas de dois gumes apresentam, no que seria a base do triângulo e até aproximadamente a metade do corpo da peça, rebaixamentos que nos levam a suspeitar, com razão, que tenham sido encabadas.

As lascas com pontas (raramente blocos com pontas) também são de tamanhos e formas variadas. Distinguimos pontas simples, pontas entre dois entalhes e pontas em forma de buris. As pontas simples costumam encontrar-se no que eram as intersecções dos lados da lasca; são semelhantes a pequenos furadores, salientes, tendo sido fabricadas com retoque alterno ou não. As pontas entre entalhes costumam encontrar-se não na intersecção dos lados, mas no meio dos próprios lados e só puderam tornar-se pontas porque de ambos os lados se produziu um entalhe; desta forma estas pontas não costumam sobressair na peça como acontece com as anteriores. Muitas vezes existem diversas pontas entre entalhes na mesma lasca. Pontas em forma de buril são pontas bem salientes, com o destacamento das lasquinhas típicas verticais ao plano principal da peça, produzindo desta forma uma ponta grossa e resistente. As pontas em forma de buril não são freqüentes e algumas não são muito típicas, não tendo sido computadas no quadro anexo. Às vezes não é fácil distinguir um tipo de ponta de outro, por não serem muito padronizadas.

As pedras com entalhe também se encontram em lascas e blocos de formas e tamanhos variados. As pedras com entalhe possuem, num ou em mais lados, concavidades de regular tamanho produzidas por retoque abrupto ou tangente, a partir da face inferior. Quando o ângulo do bordo ativo é mais próximo de 90° a função é a de um raspador côncavo, ao passo que quando se aproxima dos 20° graus é mais a de uma faca côncava. Numa mesma pedra pode haver um ou dois entalhes; os mesmos aparecem também juntamente com facas.

Bifaces são pedras lascadas em ambas as faces. O biface clássico deveria ter um bordo regular e contínuo; destes só encontramos um; os outros têm o bordo irregular e às vezes não contínuo, sendo mesmo assim bem poucos.

No total dos sítios, a grande maioria é indústria de lasca; as lascas são grossas, com o lascamento preparatório irregular, os bulbos de percussão bem visíveis, raramente rebaixados. O tamanho médio da indústria de lasca está entre 6 e 8 cm de comprimento, o dos blocos geralmente é maior. As lascas são irregulares e as partes retocadas pequenas, restritas ao bordo ativo do instrumento. O conjunto das peças não é muito típico.

Além da pedra lascada aparecem num sítio (3) boleadeiras, pedras lenticulares polidas e lascadas e um polidor; no sítio 7 também apareceu uma pedra lenticular; num outro sítio (4) a associação do material lascado com as boleadeiras é duvidoso. Nos sítios 3 e 4 também foram encontradas pontas de flechas, o que não aconteceu em nenhum dos outros. Como se trata de sítios erodidos em nenhum caso a associação do material encontrado é absolutamente garantida.

A situação dos sítios é a seguinte:

1. Sítio erodido, no caminho e à sua beira, numa colina, perto de rio.
2. Sítio situado sôbre um dique de arenito fritado, na proximidade de um mato de galeria, junto de uma sanga, perto da desembocadura num rio maior. O terreno é praticamente plano. É o sítio mais rico. A coloração dos implementos oscila entre várias tonalidades de azul, cinza, verde, róseo, ao passo que em todos os outros sítios o arenito é praticamente vermelho ou avermelhado.
3. Êste sítio está aproximadamente 1 km do anterior, sôbre uma colina, próximo à mesma sanga e o material aparece no caminho diante de uma casa.
4. Sítio situado na beira da colina, junto de um arroio, dentro de uma chácara. Nas proximidades, na várzea do mesmo arroio, apareceu grande quantidade de boleadeiras, das quais duas nos foram dadas.
5. Sítio situado sôbre o alto e nas encostas de um cerro, na proximidade de uma sanga. O que distingue êste sítio de todos os outros é que a maior parte do material é de ágata, sendo apenas uma parte de arenito fritado.
6. Sítio na encosta de um cerro, longe de qualquer sanga ou arroio. Segundo informações, nas proximidades teriam sido encontradas muitas contas de pedra perfuradas, bem como caveiras, donde vem o nome ao lugar.
7. Sítio localizado no caminho, na encosta de cerros, na proximidade de um dique de arenito fritado, perto de arroio. Continha bastante material, que foi coletado anteriormente por um pesquisador uruguaio.

As seguintes explicações são necessárias para a compreensão do quadro: os números em negrito correspondem a peças pequenas, abaixo de 5 cm de comprimento; quando há dois números justa-postos (12/**2**), o primeiro corresponde ao número total de peças, o segundo ao de peças pequenas. Não foram incluídos no quadro os resíduos de lascamento e o material indefinido.

Como se pode ver, existem sítios em que predominam os materiais pequenos como o 1 e o 5; no 5 além disto a maior parte das peças não é de arenito fritado, mas de ágata.

Devido à pequena quantidade de material e à heterogeneidade observada de um sítio para outro, ainda é impossível o estabelecimento de fases, ou o enquadramento nas fases já estabelecidas para o material do Uruguai. Também é impossível esclarecer se a diferença de um sítio para outro se deve à escassez de material, a fase diferentes ou a funções diferentes dos sítios (sítios-habitação e sítios-oficina). Todo o material é pré-cerâmico e completamente diferente de todos os outros materiais estudados por nós, até agora no Rio Grande do Sul.

Só um estudo de campo e de laboratório metódicos, juntamente com a comparação dos materiais estudados no Uruguai, poderá dar respostas às dúvidas aqui formuladas.

### Quadro da distribuição do material

Sítios		1	2	3	4	5	6	7
Raspadores	de lasca							
	circul.	—	2	2	—	—	—	1
	along. atípic.	—	5	1	—	1	—	—
de bloco	discoid.	—	3	—	1	<b>1</b>	—	—
	altos	2	3	—	1	—	—	—
	atípic.	—	2	—	—	—	—	1
Pedra com entalhe	raspador	1	15	1	—	—	1	3
	faca	1	12/2	—	—	<b>2</b>	—	—
Facas	de um gume	1	21/4	—	<b>5</b>	<b>8</b>	2	—
	de dois gumes	1	5	—	—	1	—	—
Bifaces		—	3	—	—	—	—	1
Pontas	simples	<b>5</b>	45/9	3/1	—	<b>2</b>	<b>1</b>	3/2
	com entalhe	<b>2</b>	15/6	—	—	—	1	—
	buril	<b>2</b>	2	—	—	—	—	—
Pontas de flecha		—	—	2	1	—	—	—
Boleadeiras		—	—	20	2	—	—	—
Pedras lenticulares		—	—	4	—	—	—	1
Polidores		—	—	1	—	—	—	—

#### IV. SÍTIOS COM CERÂMICA GUARANI NO VALE DO RIO PARDINHO E VIZINHANÇAS

##### 1. A Geografia e os sítios

No vale do Rio Pardinho e vizinhanças foram realizados estudos de sítios com cerâmica de tradição tupi-guarani pelos Profs. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Guilherme Naue, Pedro Ignacio Schmitz e Itala Irene Basile Becker de 1965 a 1967, sendo a análise do material feita pelos dois últimos. Foi possível distinguir dois tipos de sítios: aquêles em que predomina a cerâmica de tradição tupi-guarani, com algum material polido e lascado; e aquêles em que uma quantidade minúscula de cerâmica da mesma tradição está associada a grande quantidade de material lítico lascado; denominamos à primeira de fase Trombudo e à segunda de fase Rio Pardinho.

O Rio Pardinho, afluente do Rio Pardo, que por sua vez desemboca no Jacuí, situa-se no côncavo que êste rio cavou no planalto meridional do Brasil, na parte central do Rio Grande do Sul. O seu curso é de 120 km e corre todo dentro do Município de Santa Cruz do Sul e do município desmembrado dêste, Vera Cruz. As nascentes estão nos "Campos de Soledade", no planalto e seu único afluente de certa importância é o arroio Sinimbu.

A área pertence à encosta baixa da Serra, existindo ao longo do rio, em alguns lugares, pequenas faixas de terras planas, como a planície onde está situada a cidade de Santa Cruz do Sul, acentuando-se o relêvo primeiro em pequenos cômoros e logo depois em montes, cercados muitas vêzes de patamares ou plataformas. A quota mais baixa é de aproximadamente 50 m, sendo a mais alta de perto de 700 m. O alto e médio Rio Pardinho são montanhosos; a parte baixa é plana.

Os sítios estudados situam-se em sua maior parte nas pequenas coxilhas perto do rio e apenas alguns nos patamares entre o Rio Pardinho e o Rio Pardo, cuja quota altimétrica é aproximadamente de 300 m.

O solo da área é constituído, nos pontos mais altos, de rochas efusivas basálticas e, nas baixadas, de arenitos de Botucatu, ou de solos aluviais de água doce. Por isto os solos são parcialmente vermelhos (eruptivos), parcialmente areníticos (B. Fortes, passim).

O clima é subtropical ou mesotérmico sempre úmido, de verões quentes (Cfa. de Köppen); chuvas igualmente distribuídas, predominando as de outono-inverno, em virtude da freqüência e intensidade com que se

verificam as incursões das massas polares nessas épocas (Magnanini, 1959, 74 s). A precipitação anual é de 1539 mm, ocorrendo geadas nos meses de julho a agosto (Enc. Mun. Bras. Vol. 34, 170).

A vegetação, de tipo floresta latifoliada tropical, apresenta-se como de matas ciliares ao longo dos cursos de água, havendo campos nas áreas mais planas longe dos cursos de água e mata cerrada na encosta mais íngreme do planalto. Tanto em direção ao Norte, como em direção ao Sul, os campos estão próximos; em direção Nordeste encontra-se o limite da floresta de Araucária (Romariz, 1959, 76 s).

A população indígena, ao tempo da Conquista, é conhecida como Tape (Pôrto, 1943, 38 ss), um grupo muito discutido. Três reduções existiram nas proximidades, entre os anos de 1632(?) e 1636, sendo destruídas ou obrigadas a migrar pelos bandeirantes paulistas (Pôrto, 1954, carta entre 94 e 95 e passim).

Hoje a região pertence à área de colonização alemã, iniciada ali em 1849, com elementos provenientes em grande parte dos Estados do Norte da Alemanha (Silésia, Pomerânia, Turíngia, Westfália, Hannover, Prússia, Oldenburg etc.). A colônia é rica, estando as propriedades intensamente subdivididas e registrando grande densidade populacional (Enc. Mun. Bras. vol. 34, 170). As plantações principais são de fumo, milho, feijão, cana, mandioca. Os colonos estabeleceram-se de preferência nas margens mais planas dos rios e arroios e nos patamares das montanhas.

Os sítios são numerosos em todo o vale do Rio Pardinho e circunvizinhanças, encontrando-se geralmente no tópo de pequenas elevações próximas ao rio, ou nos patamares em maiores altitudes.

Nos sítios visitados o material está espalhado na superfície, por serem êstes intensa e longamente cultivados. Em alguns ainda se vêem manchas pretas correspondentes às casas das aldeias, mas as camadas foram completamente revolvidas pelo arado, de modo a não compensar qualquer tipo de escavação estratigráfica.

Na história da pesquisa deve-se registrar a existência, no vale e arredores, de numerosos colecionadores, tendo o Museu do Colégio Mauá recolhido, nos últimos anos, grande quantidade de material.

Os primeiros levantamentos realizados na área são de sítios onde predomina a cerâmica, correspondendo 1 e 2 às alturas e 3 ao vale, todos os três com coleta sistemática (Schmitz, julho de 1965). Nos sítios 4, 5, 7 (Ribeiro e Naue 1966), a coleta não foi sistemática e o material não é representativo. Por êste motivo foi feita nova expedição para uma coleta sistemática em dois sítios grandes e típicos, 6 e 8 (Ribeiro, Schmitz, Becker, 1967). A coleta nos sítios 4, 5, 6, 7, foi prejudicada pelo fato de os colecionadores, desde muitos anos, virem recolhendo as peças mais aparentes, principalmente as pontas de flechas. No sítio 8 o arrendatário vem recolhendo o material sistematicamente durante 30 anos, conservando-o na sua coleção, que está bem guardada e com a determinação do lugar. Com o material coletado por nós e o do colecionador foi-nos possível dar uma idéia do material de tais sítios. O sítio 9 não foi visitado,

mas recolhida na casa do proprietário pequena quantidade de material, que estatisticamente não é representativa da cultura do sítio.

Damos a seguir uma rápida descrição dos sítios:

**Sítio 1:** Sôbre um patamar, na encosta de um môro alto, entre o rio Pardinho e o Rio Pardo, a uns 200 m de um arroio profundamente encaixado, que corre para o Rio Pardo, em terreno cultivado desde 40 anos, situa-se o sítio de uns 30 por 70 m, onde coletamos 103 cacos de cerâmica de tradição tupi-guarani e uma pedra discoidal. Segundo informação do proprietário os cacos teriam sido antigamente muito abundantes; ao tempo da visita coletamos com muito trabalho a quantidade acima indicada. (RS 21, cat. 39).

**Sítio 2:** Num declive bastante íngreme do mesmo morro, do outro lado do arroio e aproximadamente na mesma altura, num terreno excessivamente pedregoso, lavrado desde 50 anos, situa-se o sítio que mede aproximadamente 50 m de diâmetro. O único material que conseguimos encontrar foram os 183 cacos de cerâmica de tradição tupi-guarani. (RS 22, cat. 40).

No palamar, que circunda os morros, na mesma área, localizaram-se mais 3 sítios, que visitamos e onde encontramos, ao lado de alguns cacos de cerâmica, bolas de charrua e machados polidos. Os arroios são profundamente encaixados em vales estreitos, não apresentando condições para estabelecimento de casas e a população atual vive nos mesmos patamares altos, em que se encontram os sítios indígenas.

**Sítio 3:** Este sítio situa-se no baixo vale do Rio Pardinho, em quota abaixo de 100 m, já perto da confluência do Rio Pardinho no Rio Pardo, numa coxilha, em área cultivada, perto de um banhado e a certa distância do rio. O sítio mede aproximadamente 50 m de diâmetro. Coletamos 43 cacos de cerâmica, um machado lascado e recebemos, como encontradas no sítio, 2 tigelinhas e uma piteira de barro. (RS 56, cat. 70).

Em diversos lugares próximos, sôbre pequenas coxilhas, existe abundância de cerâmica da mesma tradição tupi-guarani, associada às vezes a alguma pedra lascada; também nos foi entregue um cachimbo de barro feito em fôrma, uma ponta de flecha de pedra, além de cinco bolas de boleadeiras. O campo dista apenas 1 km.

**Sítio 4:** No curso médio do Rio Pardinho, sôbre uma elevação a uns 300 m do rio e com uns 50 m de altura, em terreno cultivado desde muito tempo, situa-se o sítio, que mede uns 300 m de diâmetro. No sítio, seguidamente visitado por colecionadores, foi colhido material lítico lascado. Foi encontrado também um machado polido. O proprietário deu ao pesquisador (Ribeiro) 23 pontas de flechas; Ribeiro recolheu na superfície mais 1 furador, uma lesma, um machado lascado, um raspador apontado e algumas lascas pequenas. (RS 212, cat. RP 1).

**Sítio 5:** Na proximidade do anterior, sôbre uma elevação a uns 500 m de um arroio e do rio, em terreno cultivado desde muito tempo, situa-se o sítio, que tem aproximadamente 100 m de diâmetro. Numa coleta rá-

pida foram coletados 28 cacos de cerâmica, uma lasca pequena retocada como faca, um biface perfeito amidalóide, 3 lascas pequenas. (RS 213, cat. RP3).

**Sítio 6:** Ainda na mesma área situa-se este sítio, distribuído sobre 3 pequenas coxilhas, a pequena distância do rio, em terrenos lavrados desde muito tempo e com as características gerais de todos os outros sítios desta área. O material está espalhado sobre o topo e flancos das colinas, mas não no plano junto ao rio. O sítio maior tem 300 m de diâmetro, os outros dois aproximadamente 50 m. Em dois foi feita coleta sistemática (a e b) da cerâmica e dos implementos líticos trabalhados, não se recolhendo os resíduos de lascamento. No terceiro (c) esta coleta não pode ser considerada sistemática por ter sido feita por um dos acompanhantes. (RS 258, cat. 147, 148, 149).

No a foi encontrado o seguinte material: 6 cacos de cerâmica; 11 lascas retocadas como facas, 2 pedras com pontas entre entalhes, 4 pedras com pontas simples, 1 pedra com entalhe, 5 pequenos bifaces quebrados, 4 atípicos pequenos, 2 lesmas, 1 machado lascado, 10 raspadores, 11 bifaces grosseiros, 4 atípicos grandes, 1 batedor, 6 pontas sem pedúnculo nem aletas, 1 ponta de flecha, 2 núcleos, 53 lascas; Total 120 peças líticas.

No b foi encontrado o seguinte material: 26 cacos de cerâmica; 15 lascas retocadas como facas, 3 pedras com pontas entre entalhes, 9 pedras com pontas simples, 4 pedras com entalhe, 10 pequenos bifaces quebrados, 3 pequenos bifaces bem acabados, 3 grandes unifaces, 6 raspadores, 2 bifaces grosseiros, 3 batedores, 1 afiador, 1 polidor ou mó, uma pedra discoidal, 9 pontas foliáceas sem pedúnculo nem aletas, 43 pontas de flecha, 46 lascas e 6 núcleos; total 166 peças líticas.

No c foi encontrado o seguinte material: 14 cacos de cerâmica; 2 lascas retocadas como facas, 1 pedra com ponta simples, 1 pequeno biface quebrado, 1 lesma, 2 raspadores, 1 ponta de flecha; total 9 peças líticas.

**Sítio 7:** A uns 300 m do sítio 8, numa elevação a uns 300 m do rio, em terreno parcialmente cultivado, parcialmente coberto de mato, encontra-se este sítio que tem as mesmas características do 8. Foram recolhidos 13 cacos de cerâmica; 3 lascas retocadas como facas, 2 pequenos bifaces quebrados, 1 biface grosseiro, 1 ponta foliácea sem pedúnculo nem aletas, 1 ponta de flecha, 1 lasca; total 9 peças líticas. (RS 230, cat. RP6).

**Sítio 8:** Situado sobre uma pequena colina de aproximadamente 15 m sobre o nível do rio e a uns 30 m do rio, do arroio e de um braço morto do rio, que forma pequena lagoa, em terreno cultivado há uns 30 anos, situa-se o sítio que tem pouco mais de 50 m de diâmetro. A terra é pobre e a única área cultivada é o sítio, que o arrendatário cultiva por causa das pontas de flecha que coleciona. O mesmo nos informou que no topo da colina se vêem, por ocasião da lavração, as manchas escuras que deveriam corresponder ao local das casas, mas na oportunidade da visita nada conseguimos avistar. No sítio foram recolhidas, nas últimas três décadas perto de 1.700 pontas de flechas, tendo o arrendatário, poucos

dias antes de nossa visita, quando lavrava o solo, recolhido mais de vinte. Os demais implementos não haviam chamado a atenção do colecionador antes de nossa coleta sistemática, mas numa visita posterior recolheu bastante material lítico que não pontas de flechas. O sítio foi visitado duas vezes pelos pesquisadores, tendo sido recolhida, na primeira, pequena quantidade de cerâmica e material lítico. Na segunda foi realizada uma coleta sistemática (a) numa área de 5 por 5 m, em terreno recém-lavrado, sobre o qual acabava de chover, de modo a apresentar o material bem à superfície. Do lado foi feito pequeno corte estratigráfico, constatando-se que a camada fértil atual é apenas de 10 cm, isto é, a profundidade que atinge o arado, seguindo abaixo disto a rocha em decomposição. Para conseguirmos a maior quantidade possível de peças líticas e cerâmicas, fizemos em todo o sítio uma coleta rigorosa da cerâmica e das peças que apresentassem sinais de trabalho evidente; com este somamos o material guardado na coleção do arrendatário e o da primeira coleta (b). Estas são as duas coleções que constam no quadro.

O material assim recolhido deu o seguinte:

a) 7 cacos de cerâmica; 33 lascas retocadas como facas, 2 pedras com entalhe, 1 pedra com ponta entre entalhes, 7 pedras com pontas simples, 4 pequenos bifaces quebrados, 1 furador, 9 atípicos pequenos, 2 lesmas, 1 grande uniface, 1 chopping-tool sobre seixo, 9 raspadores, 3 pequenos raspadores encabados, 9 bifaces grosseiros, 9 atípicos grandes, 6 batedores, 5 pontas foliáceas sem pedúnculo nem aletas, 4 pontas de flechas, 369 lascas, 2 núcleos; total 477 peças líticas.

b) 178 cacos de cerâmica; 54 lascas retocadas como facas, 5 pedras com pontas entre entalhes, 32 pedras com pontas simples, 2 pedras com entalhe, 3 bifaces perfeitos amidalóides, 93 pequenos bifaces quebrados, 16 furadores, 32 atípicos pequenos, 22 pequenos bifaces bem acabados, 33 lesmas, 13 facas longas de gume bem retocado, 13 machados lascados, 2 chopping-tool, 37 raspadores, 5 pequenos unifaces encabados, 35 bifaces grosseiros, 20 atípicos grandes, 5 batedores, 1 afiador, 1 pedra com depressão semi-esférica, 1 boleadeira, 1 seixo alisador, 121 pontas foliáceas sem pedúnculo nem aletas, 1150 pontas de flechas, 1 ponta de lança, 99 lascas, 9 núcleos; total 1.809 peças líticas. Além das pontas de flecha aqui analisadas, outras 524, em mãos de diversas pessoas, são recordadas pelo arrendatário. Destas, 114 foram encontradas dentro de uma panela de barro cozido, quando se lavrou a primeira vez o solo.

Este sítio dá uma idéia da quantidade e variedade do material, inclusive da proporção da cerâmica em relação ao material lítico.

**Sítio 9:** Na mesma área, numa várzea de arroio sem nome, nos morros que cercam o rio, foram encontrados pelo antigo proprietário: cerâmica de tradição guarani; um cachimbo, 3 bolas de boleadeira, 12 pontas de flechas, 3 machados lascados, além de seixos usados como batedores e alisadores; total 22 peças líticas. Hoje a área está soterrada. O material nos foi entregue pelos atuais proprietários.

Os materiais avulsos, encontrados nas áreas não foram incluídos no quadro e na análise.

A matéria-prima utilizada mais freqüentemente foi o arenito fritado avermelhado, que costuma existir em diques ou sob a forma de blocos ou seixos; não nos foi possível ver os diques desta rocha. Seguem um tipo de rocha eruptiva de tonalidade avermelhada, de grão fino, mas menos resistente que o arenito fritado; denominamos a esta simplesmente de basalto; é bastante semelhante, externamente, à anterior. Em terceiro lugar temos a calcedônia, bastante freqüente principalmente para a fabricação de pontas de flechas, e mais algumas rochas, que aparecem em pequena quantidade. No fim da descrição dos tipos líticos voltamos às considerações sôbre a matéria-prima.

Os sítios são divididos em duas fases, que denominamos de Trombudo e Rio Pardinho; à primeira pertencem os sítios 1 a 3, que se caracterizam pela quantidade grande de cerâmica de tradição guarani, estando praticamente ausente o material lítico lascado, à segunda pertencem os demais sítios, que se caracterizam por uma quantidade muito pequena de cerâmica e uma quantidade e variedade muito grandes de material lítico com ausência quase completa de material polido. Também a cerâmica das duas faces apresenta diferenças, embora não muito gritantes, principalmente na pasta.

A descrição que fazemos do material é uma primeira aproximação, não pretendendo ser nem definitiva, nem completa. Dividimo-lo em lítico e cerâmico; outros materiais não apareceram.

Veja tabela dos sítios e materiais no fim do caderno.

## 2. O material lítico

**Núcleos:** são blocos de arenito fritado ou basalto, com planos de percussão lisos, conseguidos com uma fratura intencional, ou utilizando simplesmente a cicatriz de lascamento anterior como plano de percussão. Os núcleos foram utilizados para conseguir lascas pequenas, médias e grandes. A maior parte deles foi intensamente usada, estando alguns completamente esgotados; os núcleos grandes têm até 12 cm de diâmetro, os já completamente gastos apenas 3 cm. Se alguns núcleos foram usados para conseguir lascas de tamanhos e formas diversas, outros, principalmente seixos alongados, serviram para tirar lascas estreitas e compridas (lâminas), geralmente a partir de um único plano de percussão. Total 19.

**Lascas:** são muito abundantes nos sítios, como indica a coleta sistemática. Dividimo-las em lascas pequenas e grandes.

As lascas pequenas são de formas alongadas, irregulares, geralmente finas (alguns mm de espessura), sem córtex, com bulbo de percussão bem grande e saliente, onde as ondas são bem visíveis. Em sua maior parte são concoidais, variando o comprimento entre 2 e 8 cm, por uma largura bastante pequena. O ponto de percussão numa das extremidades, o cone de percussão bastante largo, dando a entender que se trate de percussão direta com uma pedra; nas lascas mais compridas e estreitas o cone de percussão é bem estreito, tendo mais ou menos o diâmetro de um lápis comum, indicando percussão indireta, com a interposição de um bastãozinho de madeira ou osso. As lascas são muito cortantes, sem retoques e sem sinais evidentes de utilização. Na maior parte dos casos se trata de esquirlas de lascamento, algumas vezes de lascas fracassadas. 494 no total.

As lascas grandes (incluímos aqui também aquelas que foram utilizadas para fazer um implemento), são de formas variadas, na maior parte irregulares, mais grossas, geralmente sem córtex. Os planos de percussão são lisos, o ponto de percussão encontra-se em variadas posições, o bulbo é bem saliente, com ondas, às vezes com raios e escamamento, o cone de percussão é geralmente largo. Há um regular número de lascas não utilizadas, nem retocadas, com 8 a 15 cm de comprimento, com bordos irregulares, descontínuos, raramente cortantes. O lascamento preparatório, na face externa da lasca, geralmente é irregular. Total 79.

A partir de lascas foram feitos numerosos implementos.

**Lascas retocadas como facas:** são lascas de diversos tamanhos, com um bordo cortante retocado, sendo o bordo contrário, correspondente ao dorso da faca, geralmente grosso, dando em perfil uma seção triangular. A proporção largura/comprimento costuma ser de 1:2 ou 2:3. O comprimento das facas grandes é de 8 a 9 cm, com aproximadamente 2 cm de espessura maior; o das pequenas 5 a 6 cm por 0,5 a 2 cm de espessura. Quase todas as facas têm apenas um gume, sendo raras as retocadas em todos os lados. Algumas facas são côncavas: algumas têm alguns retoques nos

bordos passivos. Os lados costumam não ser regulares, nem mesmo o bordo ativo e as peças são em geral bastante primitivas.

As facas grandes são feitas de lascas com 3 ou 4 lados, com lascamento preparatório longitudinal, o plano de percussão na maior parte dos casos perpendicular ao eixo longitudinal, alongado, geralmente cortical. O retoque do bordo ativo, normalmente pequeno e rudimentar, está na face externa. A proporção largura/comprimento mais freqüente é de 2:3. Utilização: cortar, raspar, aplanar. Total 40.

As facas pequenas são feitas de lascas alongadas, com a proporção largura/comprimento ao redor de 1:2, com lascamento preparatório de disposição irregular, com o bordo mais cortante, ainda um pouco retocado na face externa. Alguns bordos ativos serrilhados. O plano de percussão raramente cortical, bem pequeno, em diversos casos removido, geralmente perpendicular ao eixo longitudinal da peça; o bulbo de percussão raramente rebaixado. Utilização: cortar. Total 79.

**Facas longas de gume bem retocado:** são feitas a partir de lascas grossas, alongadas, plano-convexas, com uma das extremidades em ponta às vezes aguda, geralmente romba e curva, a outra extremidade em lado grosso. Comprimento entre 8 e 13 cm, proporção larg/compr. entre 1:2 e 1:3; espessura entre 2,5 e 4 cm. A face superior, convexa, apresenta um dorso em forma de quina, produzido por lascamentos secundários irregulares, ou a própria preparação da lasca; a face inferior é o lado interno da lasca, apresentando bulbo de percussão na extremidade mais grossa; os bordos longitudinais, dos quais um é côncavo, o outro reto ou convexo, são retocados com cuidado, principalmente o lado convexo. O ângulo do bordo ativo varia entre 50 e 70°. O lado côncavo apresenta, em diversos casos, perto da ponta, um entalhe que torna a ponta curva. Na extremidade grossa da peça (talão) há um adelgaçamento da face superior, sugerindo encabamento como de faca, ou simplesmente para servir de cabo, onde se segurasse a peça com a mão. As formas variam bastante. Utilização: cortar, ferir, furar. Total 16. (Pr. VI, 11).

**Pedras com entalhe:** trata-se de lascas ou blocos, que num ou em mais bordos longitudinais apresentam entalhe(s) lascado(s) em forma de seção de círculo de 1 a 5 cm de largura e 0,5 a 1 cm de profundidade. O ângulo do bordo ativo está ao redor de 70 a 80°. Os outros lados não apresentam qualquer tipo de trabalho secundário ou foram preparados como pontas ou facas. Utilização: raspar ou alisar pedaços de madeira de seção circular. Total 9.

**Pedras com pontas entre entalhes:** são pontas feitas, não na interseção dos lados das lascas ou blocos, como as pontas simples, mas no meio dos próprios lados, tornando-se pontas apenas porque de ambos os lados se produziu um entalhe. São feitas em lascas alongadas de 7 a 10 cm de comprimento, de proporção larg/compr. como 2:3. A ponta foi feita no bordo mais agudo, por meio de entalhes constituídos geralmente apenas de uma cicatriz de lascamento, sem outros retoques. A ponta assim formada tem aproximadamente 0,5 cm de comprimento e não sobressai na linha

geral do bordo. Há também lados com duas pontas formadas por 3 entalhes vizinhos. Um tipo semelhante é bastante comum na Campanha do Sudoeste do Rio Grande do Sul (veja p. 21). Possíveis utilizações: rascar, raspar, alisar madeira. Total 11.

**Pedras com pontas simples:** encontram-se nas interseções dos lados de lascas grossas de diversos tamanhos ou sobre blocos trabalhados em ambas as faces, podendo-se distinguir pontas finas (até 0,5 cm de larg.), médias (até 1 cm) e grossas (até 1,5 cm). Os furadores são tratados em outro lugar, mais adiante. Na maior parte dos casos a peça é subtriangular, encontrando-se a ponta no vértice do triângulo. Os retoques finos, na face externa, que formam a ponta, se estendem sobre parte dos lados, às vezes sobre todo o bordo da peça. A maior parte das peças tem apenas uma ponta, mas algumas têm mais de uma ou servem ao mesmo tempo como facas ou pedras com entalhe. Utilização: furar, rascar, incisar. Total 53.

**Pontas foliáceas sem pedúnculo nem aletas:** são pequenas peças trabalhadas bifacialmente, com formas alongadas, ovóides ou subtriangulares, com bordos em toda a periferia, geralmente convexos. As formas são simétricas, sendo a parte distal em ponta aguda, a proximal em bordo convexo. São em geral mais largas e grossas e menos bem acabadas que as pontas de flechas. Na linha mediana das faces há um dorso saliente, que dificultaria o encabamento, mas em algumas há um pequeno entalhe aproximadamente na metade dos bordos longitudinais, às vezes mais perto da base, que poderia ter servido para amarrar a ponta a uma haste como ponta de projétil.

O trabalho secundário é bifacial, mais ou menos grosseiro, por percussão, perpendicular ao eixo longitudinal da peça nos bordos longitudinais, paralelo na base; os bordos apresentam-se um pouco denteados por causa do lascamento grosseiro.

O comprimento varia de 5 a 10 cm, predominando 5 a 8; a proporção larg/compr. varia entre 1:2 e 2:3. A espessura de 0,5 a 2 cm. O ângulo da ponta é de 30°, raramente 40°; o ângulo da base é de 30 a 40°. O ângulo dos bordos longitudinais é de 30 a 40°, predominando 40°. Utilização: desconhecida. Total 142. (Pr. VI, 4).

Existem 3 outras peças semelhantes ao tipo que acaba de ser descrito e que poderíamos denominar de faquinhas curvas: uma delas apresenta uma aleta destacada a outra um dorso côncavo, a terceira um estreitamento em direção à base e uma ponta mais aguda, sendo o mais semelhante ao tipo descrito.

**Pontas de flechas** são muito numerosas. Distinguimos dez tipos e alguns sub-tipos.

As características gerais das pontas de flechas são as seguintes: são geralmente longas e estreitas, de fôlhas triangulares, trabalhadas bifacialmente, sendo os retoques na fôlha geralmente perpendiculares, às vezes oblíquos, raramente irregulares em relação ao eixo longitudinal da peça; na base do pedúnculo ou da peça geralmente são longitudinais. Acompanhando o eixo longitudinal da peça existe uma espécie de dorso bifacial,

produzido pelo tipo de lascamento, que de ambos os lados aí se encontra, sem se sobrepor. Os lados da fôlha são geralmente retos, às vêzes um pouco convexos, raramente côncavos, apresentando-se serrilhados irregularmente por causa do retoque muitas vêzes grosseiro; as pontas são bastante agudas. Uma grande parte das pontas foi trabalhada por pressão, mas outra parte parece ter sido trabalhada ao menos parcialmente por percussão. Total das pontas de flechas analisadas: 1238.

Damos a seguir a discriminação dos tipos, com suas características principais.

**Tipo 1:** pontas sem pedúnculo, nem aletas, ou com os mesmos apenas esboçados; formas longas e muito estreitas. Total 220.

O retoque dos bordos é pequeno, bem acabado, bilateral, perpendicular ao eixo longitudinal, produzindo neste um dorso, às vêzes em quina; o retoque na base é longitudinal. Os bordos são retos e levemente denteados; a ponta muito aguda. As formas geralmente bem acabadas e simétricas em três planos.

Estabelecemos 4 sub-tipos:

**Sub-tipo a:** O pedúnculo e as aletas não estão nem mesmo esboçados; base convexa, bordos longitudinais mais convexos que nos outros sub-tipos; peças menos bem acabadas. Total 14.

Comprimento da peça: 3,5 a 6 cm, predominando 4,5 cm; proporção larg/compr. 1:2; 2:3; 1:3, predominando 1:3. Espessura de 6 a 10 mm. Ângulo da ponta: 50 a 60°; ângulo dos bordos longitudinais 60 a 80°, predominando 60°. (O ângulo aqui indicado refere-se à maior ou menor agudeza ou corte dos gumes e é variável de acôrdo com o tipo de utilização do instrumento e a sua fabricação).

**Sub-tipo b:** O pedúnculo e as aletas estão levemente esboçados. Total 44.

O pedúnculo tem os lados paralelos, a base reta ou convexa. Os pedúnculos, em muitos casos, são irregulares e mal acabados (geralmente convexos). Comprimento entre 8 e 16 mm, predominando 12; largura 8 a 16 mm.

As aletas são geralmente irregulares, sendo uma mais saliente que a outra; muitas vêzes só existe uma, estando a outra esboçada ou não; nos casos mais acentuados, a aleta sobressai uns 4 mm.

As medidas das peças: comprimento: 3 a 8 cm, predominando 4,5 cm; relação larg/compr.: 1:2 a 1:4, predominando 1:3; espessura: 2 a 10 mm. Ângulo da ponta: 30 a 60°, predominando o último; ângulo dos bordos longitudinais: 40 a 80°, predominando 60°.

**Sub-tipo c:** O pedúnculo e as aletas estão levemente esboçados. Total 140.

O pedúnculo tem os lados paralelos ou abrindo em direção à base, que é côncava, com entalhe raso ou fundo, produzido por pequenos retoques bifaciais. Comprimento entre 6 e 20 mm; largura junto da base entre 10 e 20 mm.

As aletas são como as do sub-tipo b.

As medidas das peças: comprimento: 3 a 7 cm, predominando ao redor de 5 cm; proporção larg/compr.: 1:2 a 1:4, predominando 1:3; espessura 3 a 11 mm. O ângulo da ponta 30 a 70°, predominando 40°; ângulo dos bordos longitudinais 40 a 80°, predominando ao redor de 70°. (Pr. V, 1c).

**Sub-tipo d:** Como sub-tipo c, com as diferenças seguintes: o pedúnculo é menor e o entalhe da base mais fundo, em forma de rabo de peixe. Total 22.

Medidas das peças: comprimento: 2,5 a 4 cm; proporção larg/compr.: 1:2 e 1:3, predominando o último. O ângulo da ponta de 40 a 70°, predominando 50°; ângulo dos bordos longitudinais 50 a 80°, predominando 70° (Pr. V, 1d).

As pontas que seguem têm características comuns, que são:

**Pontas pedunculadas, de fôlha triangular, com aletas, retoque fino bifacial, controlado, perpendicular ou oblíquo ao eixo longitudinal.**

Quando não se indica o contrário estas características estão presentes nos tipos que seguem.

**Tipo 2:** Pontas encorpadas, de pedúnculos largos e retangulares. Total 31.

A fôlha é triangular, apresenta dorso bilateral no eixo longitudinal. O retoque é perpendicular ao eixo longitudinal; às vezes retoque alterno, dando à fôlha aspecto helicoidal.

O pedúnculo é retangular, largo, de base reta ou levemente côncava, com 8 a 16 mm de comprimento por 20 mm de largura.

As aletas são retas ou suavemente curvas, pouco salientes (3 a 5 mm) no conjunto da peça.

As medidas das peças: comprimento de 4 a 8 cm; proporção larg/compr.: 1:2 a 1:3; espessura 6 a 10 mm. O ângulo da ponta é de 20 a 30°; o ângulo dos bordos longitudinais de 30 a 40°.

As peças, em seu conjunto, são mais encorpadas que o resto das pontas de flechas. (Pr. V, 2).

**Tipo 3:** Pontas de pedúnculo trapezoidal, de base reta e aletas curvas. Total 175.

A fôlha é estreita, triangular, raramente helicoidal, a ponta muitas vezes quebrada; o retoque perpendicular ao eixo longitudinal.

O pedúnculo é trapezoidal, de base reta; os lados às vezes um pouco côncavos. Comprimento do pedúnculo de 7 a 18 mm, variando em proporção da peça e constituindo desde 1/4 a 1/6 da mesma; largura do pedúnculo: 15 a 20 mm.

As aletas são bastante curvas e salientes no total da peça, sobresaindo 5 a 10 mm.

As medidas das peças: comprimento de 3 a 8 cm, predominando 5 cm; proporção larg/compr.: 1:2 e 1:3, predominando 1:2; espessura 3 a 10 mm. O ângulo da ponta é de 30 a 60°, predominando 40°; o ângulo dos bordos longitudinais é de 40 a 70°, predominando 60°.

Não existe uniformidade completa no tipo, havendo peças mais alongadas e estreitas e outras mais raras, mais curtas e largas.

**Tipo 4:** Pontas longas, de pedúnculo largo trapezoidal, de base côncava (entalhe largo e raso) e aletas variáveis. Total 171.

A fôlha é triangular, estreita, raramente helicoidal; a ponta está muitas vezes quebrada; os lados são geralmente retos ou levemente côncavos ou convexos; o retoque é perpendicular ou oblíquo em relação ao eixo longitudinal.

O pedúnculo é largo, trapezoidal, de base côncava, com entalhe largo e raso, os lados levemente côncavos. Comprimento: 10 a 18 mm; proporção em relação à peça toda 1/4 a 1/6; largura: 15 a 23 mm, predominando 20 mm.

As aletas em geral são bastante curvas e salientes (3 a 7 mm) no total da peça.

Medidas das peças: comprimento: 3,5 a 7,5, predominando 4,5 a 6,5 cm; proporção larg/compr.: 2:3 a 2:5, predominando ao redor de 2:4; espessura de 4 a 10 mm. O ângulo da ponta é de 40 a 60°, predominando o primeiro; o ângulo dos bordos longitudinais é de 50 a 70°, predominando 60°.

O tipo apresenta bastante uniformidade no conjunto das peças (Pr. V, 4).

**Sub-tipo:** A diferença em relação ao tipo geral é que as peças são mais curtas e largas e a metade das peças é helicoidal; quase tôdas as pontas estão quebradas; os retoques são mais bem acabados em toda a peça (tanto nos bordos longitudinais como no pedúnculo). O comprimento da peça é de 3,5 a 4 cm e a largura de 2,5 a 3 cm, sendo os pedúnculos como no tipo geral. Um grande número de peças é de calcedônia ou rochas semelhantes. As peças são menos grossas que as do tipo geral. Total 11. (Pr. V, 4a).

**Tipo 5:** Pontas longas, de pedúnculo alongado, em forma de rabo de peixe e aletas curvas. Total 184.

A fôlha é triangular, estreita, raramente helicoidal, o dorso sôbre o eixo longitudinal é baixo, a ponta muitas vezes quebrada; os bordos longitudinais são geralmente retos, às vezes levemente côncavos ou convexos; o retoque perpendicular ou oblíquo.

O pedúnculo alongado, em forma de rabo de peixe, sendo os lados côncavos e a base côncava, com entalhe estreito e profundo. Comprimento de 7 a 17 mm; largura 10 a 16 mm.

As aletas são bastante curvas, em geral mais que no tipo 4, sobresaindo 3 a 7 mm.

As medidas das peças: comprimento 3 a 6,5 cm, predominando entre 4,5 e 5,5 cm; proporção larg/compr.: 1:1 a 1:3, predominando 1:2; espessura 3 a 12 mm. O ângulo da ponta de 30 a 60°, predominando 40°; o ângulo dos bordos longitudinais de 40 a 70°, predominando 60°.

Muitas peças estão mal acabadas no pedúnculo, nas aletas e nos

bordos longitudinais. As peças em calcedônia e outras rochas semelhantes são um pouco diferentes daquelas feitas em arenito fritado (Pr. V, 5).

**Sub-tipo:** trata-se de pontas mais bem acabadas e finas. Não puderam ser incluídas no cômputo as formas de transição, mas só as mais típicas. A fôlha nestas é mais larga, o dorso mais fino, a ponta muitas vezes arredondada, os lados levemente convexos, não serrilhados, as aletas bastante curvas sobressaem entre 8 e 10 mm.

Comprimento das peças de 3 a 7 cm, predominando 5,5; a proporção larg/compr. 1:1 a 1:2; a espessura de 4 a 7 mm, predominando as de 5 mm. O ângulo da ponta de 30 a 50°, predominando 30°; o ângulo dos bordos longitudinais de 40 a 60°, predominando 40°; Total 17. (Pr. V, 5a).

**Tipo 6:** Pontas geralmente assimétricas, com pedúnculos longos, de base convexa. Total 180.

A fôlha é triangular, regular ou irregular, a ponta muitas vezes quebrada, os lados às vezes irregulares; o retoque dos bordos perpendicular ou oblíquo ou irregular em relação ao eixo longitudinal e muitas vezes bastante grosseiro.

O pedúnculo em geral estreito, de base convexa e com retoque convergente nos 3 lados. O comprimento entre 10 e 20 mm, predominando 15 mm; a largura de 10 a 20 mm, predominando 15 mm.

As aletas muitas vezes pronunciadas, às vezes apenas uma curvatura entre o pedúnculo e a fôlha; muitas vezes mais saliente num lado que no outro, outras vezes como nos tipos 3, 4 e 5.

As medidas das peças: comprimento de 3 a 7 cm, predominando 5 cm; proporção larg/compr. de 2:3 a 2:5, predominando 2:4; espessura: 3 a 11 mm. O ângulo da ponta é de 25 a 50°, predominando 40°; o ângulo dos bordos longitudinais é de 40 a 70°, predominando 60°.

As peças que constituem este tipo não têm tôdas as características comuns, mas apresentam bastante uniformidade no fato de terem um pedúnculo característico e assimetria na maior parte das peças. (Pr. V, 6).

**Tipo 7:** Pontas de pedúnculo grande e fôlha pequena e regular. Total 37.

A fôlha é triangular, às vezes com dorso, às vezes sem dorso; a ponta é menos aguda que nos outros tipos; os lados são convexos, às vezes retos; o retoque dos bordos é apenas periférico, e perpendicular ao eixo longitudinal.

O pedúnculo trapezoidal ou retangular, com base reta ou levemente convexa ou côncava; comprimento de 9 a 17 mm; largura entre 10 e 17 mm; o pedúnculo é muitas vezes a metade da peça.

As aletas geralmente retas, sobressaindo 5 a 11 mm, muitas vezes maiores num lado que no outro.

As medidas das peças: comprimento: 2,5 a 4,5 cm, predominando 3,5; proporção larg/compr.: 2:3 e 2:4, predominando 2:3; espessura: 4 a 9 mm. O ângulo da ponta é de 30 a 60°, predominando 40°; o ângulo dos bordos longitudinais é de 40 a 80°, predominando 60°.

As formas são geralmente um pouco assimétricas, mas o acabamento é bastante bom. (Pr. V, 7).

**Tipo 8:** Pontas de pedúnculos grandes e fôlhas grandes. Total 9.

A fôlha é triangular, as pontas variáveis, os lados retos.

O pedúnculo tem os lados retos, a base reta, côncava ou convexa; comprimento de 12 a 35 mm, predominando ao redor de 20; largura de 13 a 20 mm. Na maior parte das vezes o pedúnculo é a metade da peça.

As medidas da peça: comprimento: 4 a 7,5 cm, predominando 5 cm; proporção larg/compr.: 1:2 a 1:3, predominando 1:2,5; espessura de 1 a 8 mm. O ângulo da ponta é de 30 a 50°, predominando 40°; o ângulo dos bordos longitudinais é de 60 a 70°, predominando 60°.

As formas em geral são bem acabadas. (Pr. V, 8).

**Tipo 9:** Pontas pequenas serrilhadas. Total 37.

A fôlha é triangular, alongada, o dorso bastante saliente, os bordos profundamente serrilhados por pequenos lascamentos produzidos a partir das duas faces; entre um dente e outro medeiam 3 a 4 mm, sendo a altura dos dentes de aproximadamente 2 mm. O serrilhado nas pontas maiores é mais regular.

O pedúnculo tem a base côncava; comprimento de 5 a 15 mm; largura de 6 a 12 mm.

As aletas são curvas. As medidas das peças: comprimento: 2,6 a 3,5 cm; proporção larg/compr.: 1:2, raramente 1:3. (Pr. V, 9).

**Tipo 10:** Pontas de bordos longitudinais côncavos. Total 7.

A fôlha tem os bordos longitudinais bastante côncavos, produzindo uma ponta longa, estreita e grossa de seção triédrica ou poliédrica, resultante de retoque alterno ou bilateral e que poderia ter a função de furador; a ponta só numa peça não está quebrada (pelo uso?).

O pedúnculo é geralmente trapezoidal, com entalhe grande, tipo 4 ou 5.

As aletas são em forma de espinho de 3 mm de altura, ou bem curvas e longas, dobradas em direção à base do pedúnculo.

As medidas das peças: de 5,5 a 6 cm; proporção larg/compr.: 2:3 a 2:5; espessura de 6 a 9 mm. O ângulo da ponta 50°; o ângulo dos bordos longitudinais: 70 a 90°, predominando 70° (Pr. V, 10).

**Ponta de lança (?)**: foi encontrada uma ponta extraordinariamente grande, em basalto escuro salpicado de branco, medindo 12,3 cm de comprimento, por 6,7 cm de largura máxima, 1,2 cm de espessura; de forma triangular, com lascamento secundário bifacial, irregular, retoques periféricos controlados, bem acabados, oblíquos ao eixo longitudinal. Apresenta simetria em 3 posições; não tem pedúnculo, mas a base côncava num entalhe largo e raso. O ângulo da ponta 50°, o ângulo dos bordos longitudinais 70°.

**Pontas inclassificáveis** denominamos àquelas que estão quebradas de tal

forma que não podem ser classificadas, apesar de se ver, na maior parte das vezes, que são pontas de flecha. Total 86.

**Pontas quebradas** são fragmentos distais de diversos tamanhos e formas de pontas, onde não se vêem nem aletas, nem pedúnculo e não é possível saber com segurança se se trata de pontas de flecha ou de qualquer outro tipo de ponta. Total 72.

**Pequenos unifaces encabados:** sob diversos aspectos parecem-se com pontas de flechas, cuja ponta se tenha quebrado. São pequenos unifaces (rarissimamente bifaces), com pedúnculos direitos, com 10 e 15 mm de comprimento, por 10 mm de largura, em forma de ponta de flecha romba, com ou sem aletas; com a face inferior plana, com ou sem bulbo de percussão, na base do pedúnculo; a face superior convexa, retocada no bordo distal curvo como pequeno raspador; o resto da face superior retocado grosseiramente.

Comprimento das peças de 2 a 4 cm, sendo a largura e a proporção variáveis; espessura entre 5 e 7 mm. Ângulo do bordo ativo entre 50 e 70°.

Utilização: como pequeno raspador encabado. Total 5 peças.  
(Pr. VI, 8).

**Pequenos raspadores encabados (?):** foram encontrados apenas três exemplares na coleta sistemática. Trata-se de lascas alongadas e grossas, plano-convexas, uma de cujas extremidades foi retocada como pequeno raspador terminal, ao passo que uns 3/4 da peça correspondentes à outra extremidade foram adelgaçados com a retirada de algumas lascas compridas longitudinais; perto do bordo ativo existe um degrau bem abrupto, onde se afirmaria o cabo colocado como o de formão ou cinzel. A face inferior é constituída da face interna da lasca, apresentando bulbo de percussão. Os bordos longitudinais não apresentam retoque.

O comprimento das peças varia de 3,5 a 6 cm de comprimento, por 1 a 1,5 cm de espessura, com a proporção larg/compr. variável. O bordo ativo grosso, levemente convexo apresenta um ângulo de 50 a 80°.

Utilização: para raspar, aplanar, alisar.

**Pequenos bifaces quebrados:** de forma retangular, geralmente com 4 lados, dos quais 3 são constituídos de bordos levemente convexos, mais ou menos bem retocados e o quarto é constituído de um lado reto ou oblíquo sem retoques, formado pela fratura da lasca. Próximo a este, em alguns casos, os bordos longitudinais são levemente entalhados ou esmagados, o que parece indicar terem sido encabados, possivelmente como uma espécie de formão ou cinzel.

O comprimento das peças varia de 2 a 6 cm, predominando 4 cm, sendo a espessura de 6 a 10 mm, e a proporção larg/compr.: 1:1 ou 2:3 ou 2:4.

O retoque das faces é convergente, produzido por pequenos lascamentos irregulares, sendo os bordos ativos um pouco denteados em alguns casos. O ângulo dos bordos ativos varia de 30 a 50°.

Utilização possível: como formão ou cinzel, para cortar, riscar, incisar. Total 115.

Há alguns casos que parecem ser de transição entre este tipo e o dos pequenos unifaces encabados. (Pr. VI, 5).

**Furadores:** são pequenas lascas ou bifaces alongados, às vezes semelhantes a pontas de flechas com aletas, entre 5 e 9 cm de comprimento, com longas pontas (2,5 a 5 cm) finas (0,5 a 1,5 cm de largura), geralmente com retoque fino bifacial, dando uma ponta alongada, triédrica ou poliédrica. A parte de apreensão dos furadores típicos é mais larga, com bordo quase circular e não tem sinais de encabamento, devendo ser segurada na mão. As peças que classificamos como tipo 10 das pontas de flechas poderiam ser furadores encabados como pontas de flechas, mas com hastes mais curtas.

Utilização: perfurar. Total 18. (Pr. VI, 2).

**Atípicos pequenos:** lascas retocadas de alguma forma, que poderiam ser pequenas peças quebradas durante a fabricação ou outras parecidas. Às vezes pequenos bifaces com apenas um pouco de retoque num dos bordos. Geralmente são do tamanho dos pequenos bifaces quebrados ou das pontas foliáceas sem pedúnculo nem aletas.

Utilização: variável e desconhecida. Total 45.

**Bifaces perfeitos amidalóides:** trata-se de 4 peças delgadas, simétricas em 3 posições, amidalóides em plano, com trabalho secundário bem feito em ambas as faces, bordo muito bem acabado em toda a periferia.

Comprimento: 6,5 a 8,5 cm; proporção larg/compr.: 2:3; espessura 7 a 16 mm. Ângulo do bordo entre 30 e 40°.

Em dois casos o retoque bifacial é bem controlado, parecendo ter sido feito nos outros casos por batida direta.

Há uma outra peça cordiforme bastante maior, com trabalho parecido e que contamos entre as facas.

Utilização: desconhecida. (Pr. VI, 1).

**Pequenos bifaces bem acabados:** são pequenas peças, com a proporção larg/compr. como 1:2 e 1:3, com 4 a 9 cm de comprimento, por 1,2 a 2,5 cm de espessura. O trabalho secundário de ambas as faces é grosseiro, irregular ou concêntrico. A forma é definida, alongada, elíptica ou subretangular, motivo pelo qual foram separados dos outros bifaces descritos abaixo. Dois dos bifaces são circulares, medindo ambos 5 cm de diâmetro, por 5 e 9 mm de espessura, respectivamente. O ângulo do bordo ativo costuma estar entre 50 e 70°.

Uso desconhecido. Total 25.

**Bifaces grosseiros:** classificamos nesta categoria uma série de peças não muito homogêneas, com as seguintes características: estão lascadas grosseiramente em ambas as faces (lascamentos periféricos ou convergentes); as peças grandes são em sua maior parte circulares, as pequenas em sua maior parte amidalóides, alongadas; têm bordo ativo em toda a periferia,

interrompido entretanto seguidamente por lados mais ou menos grandes, que formam uma espécie de talão; quando se trata de grandes lascas, o lado interno da mesma só foi retocado na periferia; a maior parte das peças são toscas, sendo algumas das grandes e pequenas bi-convexas ou lenticulares; neste caso o bordo é praticamente circular; entre as pequenas, algumas são mais alongadas, têm a face inferior plana, formando uma espécie de transição para as lesmas, estando bem acabadas como estas. O tamanho das peças grandes e aproximadamente circulares oscila entre 10 e 12 cm de diâmetro, por 2,5 de espessura; o das outras entre 5 e 8 cm, por 1 a 3 cm de espessura. O ângulo do bordo ativo costuma ser de aproximadamente 70°, com oscilações até 50 e 90°.

Total 58.

**Machados lascados:** Instrumentos de bloco, lascados em ambas as faces, com alguns lascamentos alongados irregulares, em sua maior parte longitudinais, os bordos em tôda a periferia ou talão grosso não retocado. O retoque dos bordos foi completado em vários casos com esmagamentos. O gume é pequeno e convexo, formando quase uma ponta grossa (às vêzes parece picão). A forma geral é sub-triangular, variando o comprimento entre 8,5 e 17 cm, sendo a relação larg/compr. aproximadamente 1:3; a espessura 3,5 a 6 cm. As peças são levemente assimétricas em plano e em perfil na maior parte das vêzes.

O gume foi formado por pequenos lascamentos longitudinais. O ângulo do gume é de 40 a 70°, o dos bordos longitudinais de 70 a 90°. Aproximadamente 1/3 da peça, correspondente à parte do talão, apresenta, em diversos casos, dois entalhes pouco profundos e bastante largos, que teriam servido para a prensão. Alguns exemplares se aproximam de um dos tipos mais conhecidos como alto-paranaense. (Menghin, 1955-1956, 179, fig. 1).

Utilização: cortar, fender, arrebentar, cavar. (Pr. VI, 12). Total 19.

**Chopping-tool de seixo:** trata-se de dois seixos rolados de arenito fritado, com 9 por 6 cm, lascados em bisel duplo num dos bordos longitudinais, com golpes duros, para produzir um gume irregular, mas bastante cortante. O ângulo do gume é de 80 a 90°. O resto da superfície é constituído do córtex do seixo.

Utilização: desconhecida.

Existe um outro chopping-tool grande, plano-convexo, de forma oval, trabalhado como grande cunha, com a parte do talão grossa, a parte do gume bem fina e apontada. Medidas: 18 x 8 x 6,5 cm. A face superior parcialmente cortical, formada pela retirada de algumas lascas grandes, havendo retoque periférico para formar o gume e dar a forma; a face inferior plana. O ângulo do bordo ativo é de 40°, no talão 90°. O gume é lascado, pequeno, usado e retocado após o desgaste.

Utilização: cortar, aplanar, fender.

**Grandes unifaces:** Trata-se de algumas lascas grandes e pesadas, ou blocos de forma amidalóide, com 13 a 18 cm de comprimento, a proporção larg/compr. como 2:3 aproximadamente; espessura 3 a 3,5 cm. A face su-

perior bastante convexa, num caso semi-cortical, a face inferior plana ou levemente convexa. Os retoques mais ou menos grandes e grosseiros em aproximadamente 2/3 da periferia, estão na face externa, num caso também na face interna para regularização da mesma. O ângulo do bordo ativo é aproximadamente 70°. O plano de percussão só num dêles foi rebaixado, nos outros permaneceu intacto.

Utilização: cavar, cortar (como enxada ou enxó). Total 4.

**Raspadores:** Os raspadores têm formas bastante variadas. Distinguimos provisoriamente raspadores altos (em blocos ou lascas grandes e grossas), baixos (em blocos ou lascas mais finas), em dorso de tartaruga e apontados. Os pequenos encabados já foram descritos anteriormente. Total 65.

A maior parte dos raspadores altos e baixos são grosseiros, de formas variadas, apresentando o bordo ativo bastante irregular e o bordo passivo apenas com alguns retoques. Quanto à fabricação, alguns raspadores são feitos de seixos, outros de blocos ou lascas grossas. Na maior parte dos casos, o bordo ativo, levemente convexo, está num dos lados longitudinais; alguns têm pontas e raramente entalhes. O ângulo do bordo ativo varia entre 50 e 90°, predominando 70°. O tamanho das peças varia entre 4,5 e 13 cm, por 3 a 5 cm de altura. Total 58. (Pr. VI, 7).

Os raspadores em forma de dorso de tartaruga, são circulares, elípticos ou amidalóides, sendo trabalhados em tôda a periferia e a face superior com retoque radial; são geralmente pequenos e se aproximam das lesmas. (Pr. VI, 6).

Os raspadores em ponta são peças toscas de lascas grossas ou blocos, plano-convexos, alongados, com uma das extremidades alargada e a outra em ponta grossa; comprimento entre 8 e 10 cm, espessura entre 2 e 3,5 cm; proporção larg/compr. como 2:3. A face superior convexa, em grande parte dos casos é coberta de córtex; a face inferior é aproximadamente plana; a ponta grosseiramente retocada na face externa; o ângulo do gume é de 60 a 70°; o resto está praticamente sem trabalho secundário. Utilização possível: raspar, alisar. Total 7. (Pr. VI, 10).

**Lesmas:** pequenos implementos plano-convexos, elípticos normalmente, retocados em tôda a periferia do bordo com lascamento convergente, que forma no dorso uma aresta que se estende geralmente de ponta a ponta. Diversas lesmas são curvas, sendo um bordo côncavo, o outro convexo. Comprimento das peças: entre 4,5 e 11 cm, sendo quase tôdas de 7 cm; a altura varia entre 1,5 e 2,5; a relação larg/compr. é como 2:5. A face inferior é muitas vêzes constituída da face interna da lasca, com o bulbo de percussão numa das extremidades, às vêzes rebaixado, mas geralmente não. Nos outros casos a face inferior foi aplanada por uma série bem grande de pequenos lascamentos irregulares, sendo a superfície neste caso freqüentemente um pouco convexa. O ângulo dos bordos longitudinais é de 60 a 70°; são às vêzes bastante denteados. As extremidades são às vêzes mal acabadas, principalmente aquela em que se encontra o plano de percussão, que em muitos casos não foi removido.

Utilização: raspar, aplanar, segurando-a com ambas as mãos pelas extremidades. Total 39.

Um implemento que apresenta alguma semelhança com a lesma é o raspador em dorso de tartaruga, que entretanto é mais largo e mais bem acabado.

**Peça em forma de foice de lua**, plano-convexa, muito alta, funcionando como grande pedra com entalhe no bordo côncavo e com diversas pontas salientes entre entalhes grandes, formados cada um de um lascamento, no lado convexo que pode funcionar como raspador. Tamanho: 17,5 x 6,5 x 4,5 cm. Uma das extremidades da foice é retocada na face externa, podendo funcionar como raspador baixo ou faca grande; a outra é obtusa, com córtex na face externa. O ângulo do bordo côncavo é de 80°; a ponta cortante da foice tem 50°; a do bordo convexo 50 a 60°. Na face superior há uma saliência que serve para segurar a peça firme na mão. O lascamento secundário na face externa, que é parcialmente cortical, é convergente, com lascas grandes, havendo retoque mais fino só no bordo côncavo.

Utilização: aplanar, raspar, cortar.

**Batedores:** são seixos médios do rio, com uns 10 cm de diâmetro, de basalto ou arenito fritado, de diversas formas, com pequenas mossas irregulares resultantes de batidas na periferia ou nas arestas. Nenhum deles indica muito uso, nem uso muito violento.

Utilização: bater, para finalidades várias. Total 16.

**Seixos alisados numa ou em duas faces:** 3 seixos do rio, de formas variadas, dos quais dois apresentam as faces largas polidas, pelo uso, para alisar ou polir implementos ou gumes. Os lados foram usados como batedores.

**Pedra com depressão semi-esférica:** pequeno seixo rolado de basalto(?), com as bordas usadas como batedor e uma pequena depressão (de 15 mm de diâmetro por 3 mm de profundidade), grosseiramente polida, em seção de esfera, no centro de uma das faces; a superfície desta face foi alisada, ao passo que a face inferior não apresenta nenhum trabalho.

Utilização: os bordos para bater, a superfície alisada para moer ou alisar, a depressão de uso ainda desconhecido.

**Polidor ou mó:** pedra retangular (25 x 13 x 3 cm) de basalto em decomposição, apresentando numa das superfícies uma depressão rasa elíptica, abrangendo praticamente toda a superfície. O polimento dentro da depressão é excelente, apresentando apenas algumas irregularidades insignificantes. A outra face e os outros bordos, planos, corticais, sem trabalho.

Utilização como base para polir objetos ou para moer substâncias.

**Pedra discoidal:** ou em forma de queijo: pequena pedra discoidal (8,4 x 3,4 cm) de arenito fritado(?), com os bordos usados como batedor, uma das superfícies alisada pelo uso como moedor ou alisador, ou pela água, a outra áspera porque foi cortada para torná-la plana. Existe outra mais bem acabada.

Possível uso para moer (mão-de-mó), esmagar. (Pr. VI, 9).

**Seixo alisador:** pequeno seixo de basalto, alongado e fino, de uns 10 cm de comprimento, liso naturalmente ou pelo uso.

Utilização possível: alisar cerâmica ou outras coisas.

**Afiadores:** pequenos fragmentos, geralmente com mais ou menos 10 cm de comprimento, de arenito, com estrias de seção semi-circular (em canaleta), com 8 mm de diâmetro aproximadamente. Duas estrias em cada um, paralelas ou cruzadas, apenas num dos lados. Foram encontrados apenas 3 afiadores, quando em sítios de tradição tupi-guaraní de áreas próximas são encontrados em grande quantidade.

Utilização: afiar pontas ou alisar pequenas varetas.

**Boleadeiras:** foram encontradas 4, sendo uma achatada nos polos com sulco equatorial, uma oval e duas elípticas com sulco polar. A largura do sulco varia entre 8 e 10 mm, por 2 mm de profundidade. O tamanho, no eixo maior, é o seguinte: 3, 4, 5, 6 cm por 3, 4, 4,5, 5 cm no eixo menor respectivamente. O polimento em tôdas elas é apenas regular e as peças são ásperas por causa do grão grosso da matéria-prima.

**Atípicos grandes:** trata-se de lascas grandes, de formas variadas, com algum tipo rudimentar de trabalho secundário ou retoque, mas que não caem dentro das categorias previstas.

Utilização: desconhecida. Total 33.

**Matéria-prima:** No total das peças líticas dos sítios predomina o arenito frito, seguido do basalto e da calcedônia e outras rochas.

Se olharmos a matéria-prima por sítio, naqueles em que foi feita coleta sistemática, no 6 predomina absolutamente o arenito, havendo pouco basalto e pouca calcedônia; no sítio 8 aparece maior proporção de basalto e calcedônia, mas permanecendo o predomínio absoluto do arenito frito. Isto parece indicar que a matéria-prima depende, ao menos parcialmente, da disponibilidade local; as propriedades dos dois primeiros tipos de matéria-prima se equivalem sob certos aspectos.

Se examinarmos a matéria-prima por tipos de implementos, vamos notar que foram feitos exclusivamente de arenito frito os chopping-tool e as pedras com entalhe; com uma dominância grande de arenito frito temos ainda as facas longas de gume bem acabado, pequenos bifaces quebrados, bifaces perfeitos amidalóides, machados lascados, grandes unifaces; continuando o domínio do arenito frito, aumenta o basalto nas lascas e derivados, nos bifaces grosseiros, nas lesmas e nos raspadores; nas pontas de flechas domina geralmente o arenito frito, vindo em seguida a calcedônia e rochas semelhantes, vindo em último lugar o basalto. Nos implementos não lascados predomina o basalto. Desta forma a escolha da matéria-prima parece ter sido condicionada também, ao menos parcialmente, pelo tipo de implemento a produzir.

Poderia ainda ser estudada a relação de freqüência entre os diversos tipos de implementos, mas esta foi prejudicada pelas coletas feitas anteriormente pelos colecionadores, selecionando diversos tipos de instrumentos e abandonando outros. Mesmo assim algumas observações são interessan-

tes. São bastante freqüentes nos sítios as lascas retocadas como facas, os pequenos bifaces quebrados, os raspadores, as pontas simples e as pontas de flechas. O número bastante alto de bifaces grosseiros não é representativo por se tratar de um tipo bastante heterogêneo. Quanto às pontas de flechas, dominam as dos seguintes tipos: 1, 5, 4, 6, 3, seguidas das pontas foliáceas sem pedúnculo nem aletas, estando em proporção muito pequena os demais tipos. A proporção em que as peças aparecem nos diversos sítios é bastante constante.

### 3. A cerâmica

#### Cerâmica dos sítios da fase Rio Pardinho

**Tipo simples:** 34 cacos

##### 1. Pasta:

Método de manufatura: acordelada, vendo-se os negativos e positivos dos roletes de barro, com que se construíram as peças.

Antiplástico: predomina, na argila, areia fina e média, juntamente com grãos de hematita (até 4 mm), pedaços de rocha esbranquiçada e quartzo, constituindo na maior parte dos casos uma pasta mais ou menos grosseira, salpicada de pequenos pontos brancos, muito abundantes, que julgamos ser ágata.

Textura: os elementos encontram-se irregularmente distribuídos na pasta, que às vezes é um pouco friável. A fratura é irregular, com bordas não friáveis.

Queima: mediana, aparecendo manchas de falta de oxidação na face externa.

Côr do núcleo: desde o cinza-escuro até a côr de café ou tijolo, entre paredes mais claras.

##### 2. Superfície:

Côr: predomina a côr de tijolo em várias tonalidades de vermelho e amarelado; às vezes uma das faces é escurecida.

Tratamento da superfície: ambas as faces, estão bastante erodidas, mas pode-se ver que o alisamento é mediano.

Dureza: varia entre 3 e 3,5, predominando 3 (Escala de Mohs).

##### 3. Formas:

Bordas: só existem duas bordas, que são quanto à confecção diretas, quanto à posição verticais e têm os lábios arredondados.

Não há bases.

Espessura das paredes: de 5 a 15 mm.

**Tipo corrugado:** 114 cacos.

##### 1. Pasta:

Método de manufatura e antiplástico: como a simples.

Textura: compacta, bem amassada, uniforme; aparecem algumas pequenas bolhas de ar; a fratura é regular junto aos roletes; não é friável.

Queima e côr do núcleo: como a simples.

## 2. Superfície:

Côr: varia desde o vermelho vivo, por diversas tonalidades vermelhas, até quase branco. Geralmente a côr da face interna é a mesma da face externa.

Tratamento da superfície: alguns cacos estão erodidos. A face interna é alisada, mas vêem-se ainda estrias horizontais de alisamento.

A face externa apresenta corrugações, produzidas com o polegar ao fechar um rolete de barro contra o outro; estas corrugações aparecem em tamanhos e profundidades variadas, muitas vêzes bem rasas, geralmente irregulares, mal feitas, acompanhadas ou não da impressão simultânea da unha. Devido ao número relativamente pequeno dos cacos não fizemos distinções dentro do corrugado.

Dureza: varia entre 3 e 3,5.

## 3. Formas:

Bordas: Das 38 bordas a maioria é quanto à confecção afinada, quanto à posição evertida, o lábio arredondado. A abertura da boca entre 14 e 42 cm, predominando as formas entre 20 e 34 cm.

Não há bases. A espessura dos cacos varia entre 4 e 20, predominando as de 8 a 12 mm.

As formas em geral parecem ser as comuns nesse tipo de tradição tupi-guarani, sendo algumas globulares e outras com dobramentos, gargalos e ombros.

**Tipo unglado:** 22 casos.

### 1. Pasta:

Método de manufatura, antiplástico, queima e côr do núcleo: como a simples.

Textura: como a corrugada.

### 2. Superfície:

Côr: desde o vermelho vivo, por diversas tonalidades vermelhas; a face interna apresenta muitas vêzes côr mais escura, o que poderia ser produzido por líquidos que continha ou pelo uso para cozinhar.

Tratamento da superfície: a face interna é como a do corrugado.

A face externa apresenta, sôbre um alisamento irregular, impressões mal feitas do bordo da unha, geralmente verticais, em faixas paralelas à borda ou de maneira irregular. Estas impressões não cobrem sempre tôda a face, sendo o resto alisado ou escovado.

Dureza: entre 3 e 3,5.

### 3. Formas:

Bordas: nas 5 bordas predominam, quanto à confecção, as diretas, quanto à posição as verticais, sendo os lábios arredondados. A boca é de aproximadamente 40 cm.

Existe uma base arredondada.

Espessura: varia de 6 a 12 mm, predominando entre 8 e 10 mm. As formas gerais parecem ser as dominantes neste tipo de tradição tupi-guarani, sendo parecidas às do corrugado.

**Tipo escovado:** 9 cacos.

1. **Pasta:**

Método de manufatura, antiplástico, queima, côr do núcleo: como o simples.

Textura: como o corrugado.

2. **Superfície:**

Côr: diversas tonalidades de vermelho. A côr das duas faces não é sempre igual.

Tratamento da superfície: Poucos cacos são erodidos. A face interna é como a do corrugado. A face externa apresenta estrias rasas paralelas, produzidas por escovamento, cuja disposição geral em relação à borda pode ser vertical, horizontal ou oblíqua.

Dureza: entre 3 e 3,5.

3. **Formas:**

Bordas: as 3 bordas são variadas quanto à confecção, posição e forma do lábio. A abertura da bôca é de aproximadamente 30 cm. Não há bases.

Espessura das paredes: varia de 6 a 15 mm, predominando as de 10 e 11 mm.

**Tipo pintado:** 21 cacos.

1. **Pasta:**

Método de manufatura: acordelada.

Antiplástico: existe na argila maior quantidade de areia fina (menos de 0,5 mm), menor quantidade de quartzo, ágata e rocha moída que nos outros tipos. Esta pasta se parece mais com a arenosa da fase Trombudo, mas não é tão arenosa e mais compacta.

Textura: compacta, uniforme, mais macia ao tato que os outros tipos.

Contém bolhas de ar. A fratura é bastante regular, dando-se ao longo dos roletes.

Queima: como a simples.

Côr do núcleo: cinza-escura, sendo a face externa mais oxidada que a interna.

2. **Superfície:**

Côr: a côr natural, onde aparece, é geralmente alaranjada ou levemente parda.

Pelo tipo de decoração das paredes dividimos o material em 3 classes: o pintado na face externa, o pintado na face interna, o pintado em ambas as faces.

a) pintado na face externa: 17 cacos. Depois de bem alisados, foram engobados de branco do lábio ao ombro; sobre este engobe há indícios de pintura vermelha e junto dos dobramentos há indícios de faixas vermelhas horizontais mais ou menos largas, sobre o engobe ou diretamente sobre a superfície. Não é mais possível distinguir os motivos da ornamentação. As duas bordas desta classe são variadas quanto à confecção, posição e forma do lábio.

A abertura da boca é de 20 cm. Não há bases. A espessura das paredes é de 6 a 15 mm, predominando entre 8 e 10 mm. Trata-se de cacos grossos em relação às duas outras classes.

b) Pintado na face interna: 8 cacos, dos quais 3 são cobertos de engobe branco ou acinzentado. Os outros cinco cacos foram cobertos de uma camada espessa de pintura vermelho-escarlate. Um destes é corrugado na face externa. Só existem duas bordas de formas variadas. A abertura da boca é de aproximadamente 32 cm. Não há bases. A espessura das paredes é de 6 a 10 mm, predominando 9 e 10 mm. Trata-se de cacos médios em relação às duas outras classes.

c) pintado em ambas as faces: 3 cacos, que são semelhantes na face externa aos da classe a), na face interna são engobados de vermelho-escarlate. As duas bordas são afinadas, evertidas, de lábios arredondados. A abertura da boca é de 22 cm. A espessura das paredes é de 6 a 7 mm. Trata-se de cacos finos em relação às duas outras categorias.

### **Cerâmica dos sítios da fase Trombudo**

A maior parte das características da cerâmica desta fase são idênticas às da fase Rio Pardinho. Nesta primeira aproximação ao material, devido ao número não muito grande de peças, não temos dados suficientes para fundir toda a cerâmica num todo, nem para separá-la em diversos conjuntos. Por isto simplesmente a descrevemos. Nos sítios da fase Trombudo podem-se distinguir com facilidade dois tipos de pasta, uma argilosa, outra arenosa. Quando quisemos aplicar o mesmo critério à cerâmica dos sítios da fase Rio Pardinho a distinção não funcionou, apesar de existirem cacos argilosos e outros mais arenosos também nesta fase. Os mais arenosos de Rio Pardinho são bastante menos arenosos que os de Trombudo e a distinção entre argilosos e arenosos é difícil de fazer. Na continuação da pesquisa, durante o ano de 1968, pretendemos esclarecer este problema.

Dividimos, pois, a cerâmica da fase Trombudo em duas classes; na descrição dos tipos, que segue, colocamos a pasta do argiloso, por ser a que mais varia, sendo as demais características as do total dos cacos (argilosos e arenosos); a pasta do arenoso é descrita depois dos tipos, de uma vez só, por ser mais constante.

**Tipo simples:** 60 cacos, sendo 44 argilosos, 16 arenosos.

**1. Pasta:**

Método de manufatura: acordelada, vendo-se os negativos e positivos dos roletes de barro, com que se construíram as peças.

Antiplástico: alguma areia fina (menos de 0,5 mm), juntamente com grãos de hematita e ágata (até 4 mm), quartzo, irregularmente distribuídos na pasta, mais ou menos grosseira, salpicada de pequenos pontos brancos, muito abundantes, que julgamos ser ágata. A pasta é suave ao tato e esmagada desprende apenas um pó fino de argila.

Textura: os elementos encontram-se irregularmente distribuídos na pasta, que às vezes é um pouco friável. A fratura é irregular. Existem bolhas de ar, além de longas fendas no sentido dos roletes, ou irregulares.

Queima: mediana, a parede está oxidada numa espessura de 2–8 mm, sendo mais espessa na face externa. Não há manchas escuras de falta de oxidação.

Côr do núcleo: do cinza-escuro ao claro pardacento, entre paredes côr de tijolo de diversas tonalidades vermelhas.

**2. Superfície:**

Côr: do tijolo claro-avermelhado ao claro-amarelado, sendo normalmente igual na face externa e interna, às vezes a interna mais escura que a externa.

Tratamento da superfície: não erodida, sendo o alisamento mediano, mostrando estrias paralelas aos roletes; o alisamento da face externa é melhor.

Dureza: 3 (o arenoso 3 a 3,5, predominando 3).

**3. Formas:**

Bordas: só existem duas, que são reforçadas externamente, levemente introvertidas, de lábios arredondados.  
Uma base arredondada.

Espessura das paredes: de 6 a 20 mm, com a maior incidência entre 10 e 15 mm.

Quanto à forma geral, nota-se que alguns cacos apresentam dobramentos ou ombros, quanto ao resto nada se pode ver devido à pequenez dos cacos.

**Tipo corrugado:** 175 cacos, mais duas tigelas, sendo 97 cacos e as tigelas argilosos, 78 cacos arenosos.

**1. Pasta:**

Método de manufatura, antiplástico e textura: como simples.

Queima: mediana, com poucas manchas pretas na superfície externa sendo a espessura da camada oxidada mínima.

Côr do núcleo: do cinza escuro (chumbo) ao claro pardacento e avermelhado, entre paredes côr de tijolo avermelhado ou alaranjado.

## 2. Superfície:

Côr: como o simples.

Tratamento da superfície: raros cacos são erodidos. A face interna é alisada, mas vêem-se ainda estrias horizontais de alisamento. Na face externa como o corrugado do Rio Pardinho. Nas duas tigelas a corrugação é uniforme quanto à disposição; numa é baixo e com impressões de unha, na outra é regular.

Dureza: 3 no argiloso. (3 a 3,5 no arenoso, predominando 3).

## 3. Formas:

Bordas: entre as 22 bordas existentes, predominam, quanto à confecção, as bordas diretas, havendo algumas reforçadas externamente ou internamente e afinadas; quanto à posição temos em igual número as verticais e as evertidas, além de uma introvertida; os lábios são na maior parte arredondados, havendo alguns em bisel. A abertura da boca vai de 18 a 36 cm, predominando de 28 a 36 cm. As bases são arredondadas.

A espessura das paredes: 6 a 14 mm.

Quanto à forma geral das peças, parece haver muitas formas globulares, alguns cacos apresentam dobramentos.

**Tipo ungulado:** 55 cacos, sendo 19 argilosos, 36 arenosos.

### 1. Pasta:

Método de manufatura e antiplástico: como o simples.

Textura, queima, côr do núcleo: como o corrugado.

### 2. Superfície:

Côr: como o simples.

Tratamento da superfície: a face interna como o corrugado; a face externa como o ungulado de Rio Pardinho. Às vezes aparecem impressões de unhas sobre um corrugado raso.

Dureza: como os anteriores.

### 3. Formas:

Bordas: a única borda medida é, quanto à confecção, direta; quanto à posição, evertida, com lábio arredondado. A abertura da boca de 28 cm. Não há bases.

Espessura das paredes: de 5 a 15 mm, predominando 8 a 12 mm.

Quanto à forma geral, alguns cacos apresentam dobramentos.

**Tipo escovado:** 5 cacos, sendo 2 argilosos, 3 arenosos.

### 1. Pasta:

Método de manufatura, antiplástico e textura: como o simples.

Queima: mediana.

Côr do núcleo: como corrugado.

### 2. Superfície:

Côr: de tijolo avermelhado; o resto como o simples.

Tratamento da superfície: a face interna como corrugado; a face ex-

terna apresenta estrias rasas e paralelas como a do Rio Pardinho, em sentido vertical no bojo, horizontal junto da borda.

Dureza: como os anteriores.

### 3. Formas:

Bordas: as duas bordas existentes são, quanto à confecção, diretas, quanto à posição, verticais, com os lábios arredondados. A abertura da bôca vai de 12 a 28 cm.

Não há bases.

A espessura das paredes é de 10 a 13 mm. Quanto à forma geral das peças nota-se que algumas têm dobramentos.

**Tipo pintado:** 30 cacos, sendo 17 argilosos, 13 arenosos.

#### 1. Pasta:

Método de manufatura, antiplástico, textura, queima e côr do núcleo: como o simples.

#### 2. Superfície:

Côr: como na do Rio Pardinho.

Tratamento da superfície: temos apenas duas classes, sendo uma pintada externa e outra internamente.

a) pintado na face externa: 26 cacos. Depois de bem alisados, foram engobados de branco do lábio ao ombro; sôbre êste engobe há indícios de pintura vermelha e junto dos dobramentos, há indícios de faixas vermelhas horizontais mais ou menos largas sôbre o engobe. Dois cacos apresentam apenas engobe vermelho-vinho. Os cacos são grossos ou finos. Existem 4 bordas, que são, quanto à confecção, 3 reforçadas interna ou externamente, uma direta; quanto à posição, metade extrovertidas, metade introvertidas, sendo todos os lábios arredondados. A abertura da bôca de 28 a 40 cm. A espessura das paredes de 7 a 17 mm, predominando de 10 a 12 mm.

b) pintado na face interna: 4 cacos pintados na face interna. Uma borda direta, introvertida, de lábio arredondado. A espessura da parede: 7 a 11 mm. Nenhum fundo.

Quanto à forma, a maior parte das peças parece ter sido dobrada, sendo algumas globulares.

A classe arenosa se distingue pelas seguintes qualidades da pasta:

— O antiplástico é constituído de grande quantidade de areia muito fina (menos de 0,5 mm), com pequenos pontos brancos, pouca hematita, quartzo e água. A pasta às vêzes é tão arenosa que pode ser confundida com um pedaço de arenito. A pasta se esfarela debaixo da pressão dos dedos, produzindo areia, ao passo que a argilosa produz um pó fino de argila.

— A textura: os elementos são distribuídos uniformemente, produzindo um aspecto compacto. Existem algumas bolhas de ar até 4 mm. A fratura é mais regular que a da argilosa.

— Queima: mediana, aparecendo raramente manchas escuras de falta de oxidação.

- A dureza: de 3 a 3,5, predominando 3.
- Superfície: a côr da superfície é mais avermelhada que no argiloso. As impressões do corrugado e do unglado são mais fundas e nítidas.

Como material cerâmico registramos ainda:

1 piteira, tubular, tronco-cônica, reta, com 5 cm de comprimento, 3 cm de diâmetro na parte distal, que é a mais larga. Nesta parte há uma depressão semi-esférica de 1,5 de diâmetro, na qual desemboca a perfuração central, que vai até a outra extremidade da peça.

1 cachimbo, com forninho montado em ângulo quase reto sôbre o porta-boquilha médio; a seção do cachimbo é retangular, a forma simples, sem enfeite.

#### 4. Considerações Gerais

Como se viu pela descrição dos sítios e do material, há duas fases nitidamente distintas, embora em ambas apareça cerâmica da tradição dita tupi-guarani, que é semelhante, nos tipos básicos, à descrita para os demais sítios desta tradição, no Sul do Brasil (Blasi, 1961 e 1967a; Chmyz, 1967; Schmitz, 1959; Baldus, 1951/2; Laming e Empeaire, 1959; etc).

Entretanto mesmo na cerâmica existem diferenças de uma fase para outra, sendo possível distinguir na fase Trombudo duas classes de pasta (uma argilosa e outra arenosa), o que não é possível na fase Rio Pardinho, embora haja cacos mais argilosos e mais arenosos; também a quantidade da cerâmica por sítio e sua proporção com o material lítico é marcadamente diferente.

A grande diferença entretanto reside no tipo de material lítico, que acompanha a cerâmica; na fase Trombudo é material polido em pequena quantidade e ocasionalmente algum material lascado. Na fase Rio Pardinho é uma enorme quantidade de material lítico lascado e apenas ocasionalmente alguma peça polida. Veja tabela no fim.

A fase Trombudo parece enquadrar-se bem nas características gerais dos sítios de tradição tupi-guarani, o que não acontece com a fase Rio Pardinho, apesar da cerâmica dita tupi-guarani. Esta cerâmica pertence aos sítios e não se encontra ali apenas por superposição de ocupações, porque dezenas de sítios apresentam a mesma associação e o material lítico não aparece isolado, não se podendo acreditar que isto tenha sido feito por acaso.

Comparando o material lítico da fase Rio Pardinho com o dos outros sítios de tradição tupi-guarani descritos e estudados no Sul do Brasil (principalmente Blasi, Chmyz, Schmitz, Laming e Empeaire), encontramos diferenças bem marcantes: antes de mais nada a grande quantidade de material lítico, bem mais abundante que a cerâmica; depois o grande volume de pontas de flechas (perto de 1700 no sítio 8), ao passo que nos outros sítios conhecidos como tupi-guaranis elas aparecem por unidades, quando aparecem, devendo ter sido geralmente de madeira ou osso, o que também é indicado pelos inúmeros afiadores em canaleta que se encontram nestes sítios; com exceção das pontas e furadores, das lascas retocadas,

dos batedores e de peças que aparecem em pequena quantidade, as semelhanças no resto do material são muito pequenas.

Por êste motivo procuramos comparar o material lítico com o de outros sítios, publicados ou não.

Quanto às pontas de flechas, existem no Rio Grande do Sul dois sítios pré-cerâmicos por nós visitados, um nas margens do Rio Caf e outro nas margens do Rio Taquari, que apresentam pontas praticamente idênticas, embora não em grande número; num dêstes sítios aparecem também pontas foliáceas sem pedúnculo nem aletas e pequenos bifaces quebrados; êste sítio pretendemos explorar intensivamente durante o ano de 1968; existe mais um terceiro sítio, por nós visitado, no alto Jacuí, com pontas semelhantes, mas o número das mesmas é tão pequeno, que não permite uma afirmação concludente. Existe também alguma semelhança com pontas de sítios pré-cerâmicas, igualmente na encosta meridional do planalto do Rio Grande do Sul, descritas por Miller (1967, estampa 5) na fase Camuri e algumas da fase cerâmica Maquiné do mesmo autor (ibidem). Apenas um dos nossos tipos é parecido com material apresentado por Guidon (1964, 385 s) para São Paulo. Talvez o material de Rio Claro (Altenfelder Silva, 1967, 81) e do Vale do Rio Iguaçu (Chmyz, 1967, ms.) traga novas possibilidades de comparação, quando publicado.

Fora do Brasil, na área do pampa uruguaio e argentino encontramos semelhanças muito grandes. Assim quase todos os nossos tipos são semelhantes às pontas do período 4 da estratigrafia do Estreito de Magalhães de Bird (1963, vol. 1, plate 10); o mesmo vale para a fileira 4 das pontas do Pampa de Willey (1963, vol. 1, plate 13) que apresentam semelhanças com o nosso material. Existe também bastante semelhança com pontas de flechas estampadas por Sosa (1957, 92 s), como encontradas nas margens dos rios Negro e Tacuarembó, no Uruguai; também as pontas foliáceas sem pedúnculo nem aletas por nós encontradas correspondem em grandes linhas a tipos semelhantes do Uruguai (idem, 91); a peça estampada no fim da segunda fileira da figura ao pé da página 91, também tem bastante semelhança com os nossos unifaces encabados.

Resumindo os dados, temos no Rio Grande do Sul diversos sítios pré-cerâmicos com o mesmo tipo de pontas; os outros materiais parecidos, que por enquanto se conhecem com segurança são de área pampeana; note-se que também os sítios do Rio Grande do Sul estão na periferia do campo, na encosta baixa do planalto. Tudo isto parece indicar, com os dados que agora possuímos, uma ligação meridional, pampeana.

Os outros tipos de implementos líticos em parte se parecem às tradições pré-cerâmicas de Catalán-Chico e Quarai (Uruguai) e em pequena parte à conhecida como Alto-paranaense, que desce do Paraguai, Argentina, Paraná e Santa Catarina e se estende até o centro do Rio Grande do Sul.

Diante dêstes dados estamos inclinados a admitir a suposição de que na fase Rio Pardinho se trata de um grupo pré-cerâmico, caçador, semelhante ao representado em outros sítios da mesma área, possivelmente de origem meridional, que recebeu a cerâmica do grupo tupi-guarani, que dominou a vizinhança, penetrando ao longo dos grandes rios. A parte

do planalto propriamente dito, quanto conhecemos de nossas pesquisas (veja Casas subterrâneas no Planalto do Rio Grande do Sul) era dominado por um grupo diferente, com tradição cerâmica própria e material lítico polido, sem nenhuma semelhança com o que estamos descrevendo. Fora do vale bastante estreito e montanhoso do Rio Pardinho aparecem os sítios da fase Trombudo, que parecem ser tipicamente de grupos conhecidos como tupi-guarani, que teriam aculturado a gente enclausurada no vale.

Quanto ao modo de vida do indígena da fase Rio Pardinho infelizmente os sítios muito erodidos pouco nos dizem. Os acampamentos estavam espalhados sobre as coxilhas na proximidade do rio, que provavelmente seria explorado para a pesca; a grande quantidade de pontas de flechas parecem indicar que a caça teria dominado como meio de vida; os implementos que serviriam para cortar o mato e trabalhar a terra estão praticamente ausentes; pelo contrário o conjunto dos implementos é sob todos os pontos de visita muito semelhante ao dos grupos pampeanos do Uruguay e SW do Rio Grande do Sul, onde a agricultura não se poderia ter desenvolvido.

Quanto à cronologia dos sítios temos uma datação relativa na cerâmica de tradição tupi-guarani; supõe-se que este grupo tenha ocupado a área algumas centenas de anos antes do descobrimento.

Durante o ano de 1968 a pesquisa será intensificada na área principalmente por um dos autores (Ribeiro), esperando-se poder responder às dúvidas levantadas e fornecer um quadro mais completo da vida desenvolvida nesta fase em que encontramos associadas duas tradições diferentes, a lítica e a cerâmica e provavelmente dois troncos distintos, o pampeano e o de floresta tropical.

### **Agradecimentos**

Os autores destas notas tiveram a colaboração de muitas pessoas, órgãos e organismos, a quem gostariam de manifestar a sua gratidão por escrito. Como não é possível fazê-lo nominalmente a todos, destacam apenas alguns, que representam os demais.

Entre os muitos que nos deram meios para que pudéssemos realizar nossas pesquisas, destacamos: A Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Prefeitura de Caxias do Sul através de seu Prefeito Dr. Hermes João Weber, a Prefeitura Municipal de Santa Vitória do Palmar e a Câmara de Vereadores da mesma Comuna, o Sr. Edegar Alvim de Sant'Ana do Livramento, o Departamento de Ciência e Cultura da Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, o Conselho Nacional de Pesquisas.

Entre os que mais de perto colaboraram conosco destacamos: o Sr. Emídio P. Martino (Santa Vitória do Palmar), o Sr. Roberto Steinhaus (Santa Cruz do Sul), o Sr. Mário Gardelin (Caxias do Sul), o Sr. Antônio Vergani e Família (Caxias do Sul).

Aos nossos chaufeurs Puca, Tito, Jesus e Nicanor; aos muitos que, com sua hospedagem, colaboração, informação ou de outra maneira nos tornaram a pesquisa agradável e rendosa, registramos nosso reconhecimento.

## R E S U M O

O presente relatório refere-se às pesquisas arqueológicas realizadas pela equipe ligada ao Instituto Anchieta de Pesquisas e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, em casas subterrâneas no planalto, em cômodos nas áreas alagadiças e inundáveis do Sudeste, em sítios líticos, sem cerâmica, do Sudoeste e em sítios com cerâmica de tradição tupi-guarani do Centro do Rio Grande do Sul. A fase das casas subterrâneas é denominada Caxias, caracterizando-se por um tipo de casa subterrânea, acompanhada de pequenos cômodos, determinados tipos de cerâmica, mãos de pilão, machados polidos e determinados tipos de implementos lascados. Na área dos cômodos são distinguidas duas fases, sendo a primeira denominada "Cerritos", caracterizada por cômodos de terra, com determinados tipos de cerâmica aqui descritos pela primeira vez e implementos líticos; a segunda denominada Vieira, caracterizada por cômodos com ossos de peixes, diferente cerâmica e possivelmente também implementos líticos. Na terceira área são estudados 7 sítios sem cerâmica, dos quais a maior parte só apresenta implementos lascados, alguns também boleadeiras e raras pontas de flechas e pedras lenticulares. Devido à pequena quantidade e variedade de material dos sítios, o mesmo não pôde ser dividido em fases ou atribuído às já existentes na mesma área, no Uruguai. Na quarta área distinguimos duas fases sendo a denominada Trombudo de cerâmica de tradição tupi-guarani, com implementos polidos ou lascados, semelhante aos outros sítios desta mesma tradição; a fase denominada Rio Pardinho parece ser de um grupo caçador, de origem meridional, onde predominam as pontas de flechas de pedra e que se teria aculturado ao contato com os tupi-guaranis que dominavam os vales mais amplos.

## A B S T R A C T

The present report is concerned with archaeological researches made by the group associated to the Instituto Anchieta de Pesquisas and the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, RS, Brasil. These researches have been made in pit houses located along the plateau (1), in mounds along swampy and flooded areas of the Southeast (2), in lithic sites, without pottery, in the Southwest (3) and in sites with pottery of tupi-guarani tradition of the center of Rio Grande do Sul.

The pit house phase is called Caxias, being characterized by a type of pit houses, with small earth mounds, by certain types of pottery, pestle hands, polished axes and certain types of chipped implements.

In the area of the mounds we distinguished two phases, the first being called "Cerritos", characterized by earth mounds, with certain types of pottery, described now for the first time; the second called Vieira, is

characterized by mounds containing fish bones, a different type of pottery and perhaps of lithic implements.

In the third area we studied seven sites without any pottery; most of them show chipped tools; some also show "bolas" and very few arrow points and lenticular stones. Because of the small amount and of the variety of materials found in those sites, this area could not be divided in phases, neither could it be adscribed to any phase already discovered in that same area in Uruguai.

In the fourth area we distinguished two phases, the first being called Trombudo, with pottery of tupi-guarani tradition, with polished or chipped implements similar to the other sites of the same tradition; the other being called Rio Pardinho, seems to be of a group of hunters of Southern origin, where the lithic arrow points predominate and who were accultured by tupi-guarani who dominated the broader valleys.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

### **Altenfelder Silva, F.**

- 1967 — Informes Preliminares sôbre a Arqueologia de Rio Claro, in Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Resultados Preliminares do Primeiro Ano, 1965—1966, Belém.

### **Baldus, H.**

- 1951/2 — Tonscherbenfunde in Nordparaná, Sonderdruck aus "Archiv für Völkerkunde", Bd. VI/VII, Wien.

### **B. Fortes, A.**

- 1959 — Geografia Física do Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre.

### **Bird, J.**

- 1963 — The Archeology of Patagonia, in Handbook of South American Indian, vol. I.

### **Bischoff, Th.**

- 1887 — Über die Sambaquys in der Provinz Rio Grande do Sul (Brasilien) — Z. f. Ethnol., 1887, 176 ss, Separat-Abdruck.

### **Blasi, O.**

- 1961 — Algumas Notas sôbre a Jazida Arqueológica de 3 Morrinhos Querência do Norte — Rio Paraná, Curitiba.  
1967 — O Sítio Arqueológico de Estirão Comprido, Rio Ivaí — Paraná Estudos Complementares, Curitiba.

### **Chmyz, I.**

- 1965 — Prospecções arqueológicas no Vale do Rio das Antas, Rio Grande do Sul (Brasil) — Acta Praehistorica V/VII (1961/1963), 35 ss.  
1967 — Subsídios para o Estudo Arqueológico do Vale do Rio Iguaçu, manuscrito.  
1967a — Dados Parciais sôbre a Arqueologia do Vale do Rio Parapanema, in Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Resultados Preliminares do Primeiro Ano, 1965—1966, Belém.

**Delaney, P. J. V.**

1965 — Fisiografia e Geologia de Superfície da Planície Costeira do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XXXIV, Rio de Janeiro, 1959, pp. 167–174.

**Guidon, N.**

1964 — A Indústria Lítica de Jataí, Estado de São Paulo, in Revista do Museu Paulista, São Paulo.

**Laming, A. e Emperaire, J.**

1959 — A Jazida José Vieira, um Sítio Guarani e Pre-cerâmico do Interior do Paraná, Curitiba.

**Magnanini, R. Lopes da Cruz**

1959 — Clima (da Grande Região Sul), in Atlas do Brasil (Geral e Regional), Rio de Janeiro, p. 74 s.

**Mello, T. F. de**

1912 — O Município de Santa Vitória do Palmar, Estudo Histórico, Physico e Politico. Notas Estatísticas — Pôrto Alegre.

**Metraux, A.**

1946 — The Caingang, in Hand. South. Am. Ind., vol. I, 445–475.

**Miller, E. Th.**

1967 — Pesquisas Arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul, in Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Resultados Preliminares do Primeiro Ano, 1965–1966, Belém.

**Rambo, B.**

1946 — Relatório Científico das Viagens de Estudos Etnográficos, in Rev. Inst. Hist. Geogr. Rio Grande do Sul, nr. 102, 234–240.

1956 — A Fisionomia do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.

**Romariz, D. de Amarante**

1959 — Vegetação (da Grande Região Sul), in Atlas do Brasil (Geral e Regional), Rio de Janeiro, p. 76 s.

**Menghin, O. F.**

1955/6 — El Altoparanaense, Sep. da la Revista Ampurias, vol. XVII–XVIII, Barcelona.

**Pôrto, A.**

1943 — História das Missões Orientais do Uruguai, vol. I, Rio de Janeiro.

1954 — História das Missões Orientais do Uruguai, primeira parte, segunda edição, Pôrto Alegre.

**Roquette-Pinto, E.**

- 1906 — Relatório da Excursão ao Litoral e à Região das Lagoas do Rio Grande do Sul — Rio.

**Santos, O.**

- 1965 — Primer Mapa Arqueológico del Depto. de Rivera, in Boletín I, Centro de Arqueología, Rivera.
- 1967 — Síntesis de la Comunicación presentada en el "Simpósio de Arqueología da Área do Prata e Adjacências", Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo.

**Schmitz, P. I.**

- 1958 — Paradiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul), in Pesquisas 2, 113 ss.
- 1959 — A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea, in Pesquisas 3, Pôrto Alegre.
- 1966 — Breves Notas sôbre uma cultura cerâmica encontrada em sambaquis riograndenses, in Ciência e Cultura, vol. 18, n. 2, 222 s.

**Schmitz, P. I. e Brochado, J. J. J. P.**

- 1966 — Prospecções Arqueológicas no Rio Grande do Sul, Brasil — Comunicação ao Congr. Intern. de Americanistas, Mar del Plata.

**Serrano, A.**

- 1936 — Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay — Paraná.

**Soares de Souza, G.**

- 1938 — Tratado Descritivo do Brasil em 1587 — Companhia Editora Nacional.

**Sosa, R. M.**

- 1957 — La Nación Charrua — Montevideo.

**Vidart, D.D.**

- 1962 — Los Estratos Culturales del Uruguay Indígena, in Ameríndia, nr. 1, Montevideo.

**Willey, G. R.**

- 1963 — The Archeology of the Greater Pampa, in Handbook of South American Indian, vol. I.



Distribuição das casas subterrâneas em uma aldeia

Planalto médio do Rio Grande do Sul

○ casa

..... limite do mato

● montículos

Escala 1:1000

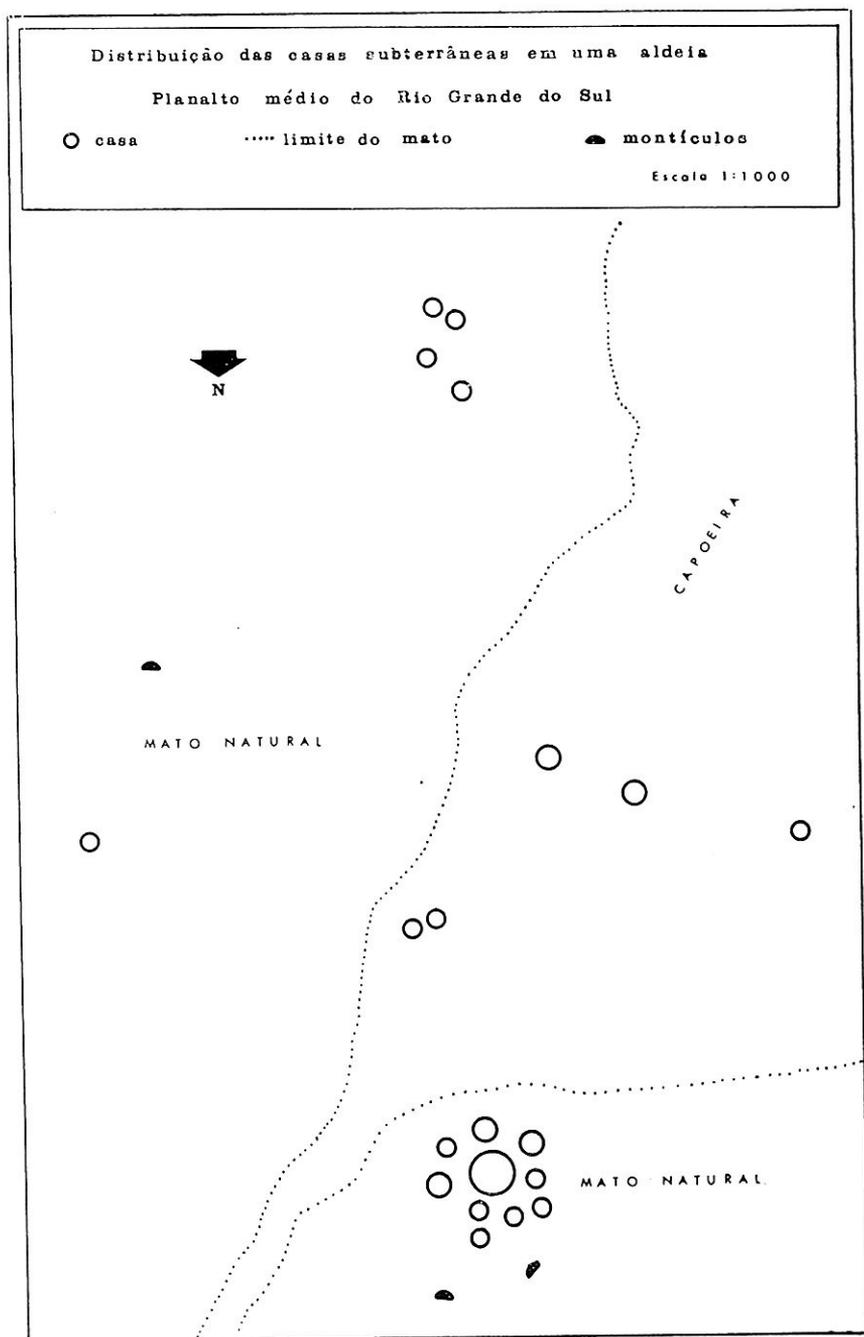


Fig. 2 — Uma aldeia de casas subterrâneas mostrando a sua distribuição e tamanho. Desenho de La Salvia.

DISTRIBUIÇÃO DE ALDEIAS COM CASAS SUBTERRÂNEAS

Planalto médio do Rio Grande do Sul

■ propriedades atuais

● casas subterraneas

.....matas

— rios e arroios

--- estradas

Escala 1:20 000

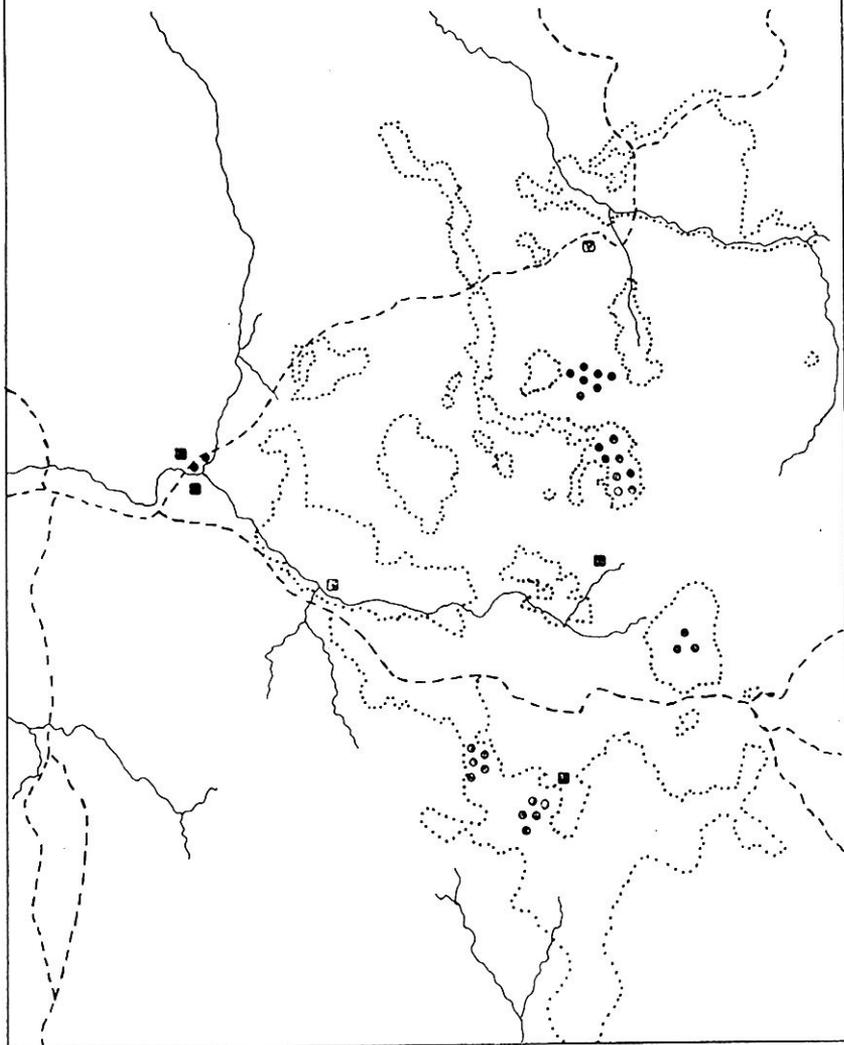
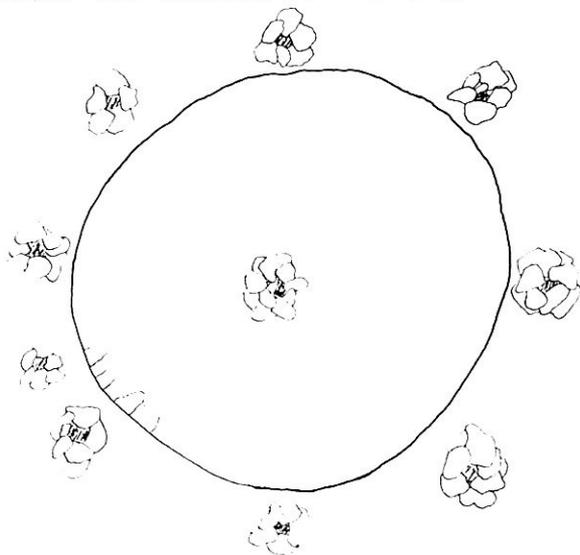
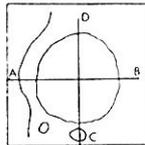


Fig. 3 — A distribuição das aldeias de casas subterrâneas numa área de campo Desenho de La Salvia.

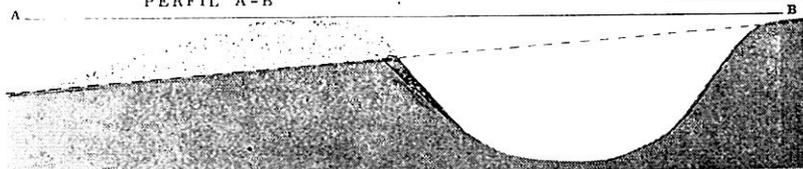
DISPOSIÇÃO DOS SUPORTES DO VIGAMENTO DO TELHADO



PERFÍS DE UMA CASA SUBTERRÂNEA TÍPICA



PERFIL A-B



Atêrro  
Solo natural

PERFIL C-D

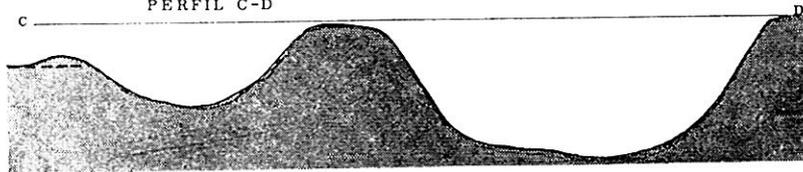


Fig. 4 — Uma casa subterrânea: em cima — disposição dos suportes do vigamento do telhado e da escada; em baixo — perfís de uma casa subterrânea típica: no corte A-B mostrando a casa e o atêrro, no corte C-D mostrando a casa grande e uma casa pequena encostada. Desenho de La Salvia.

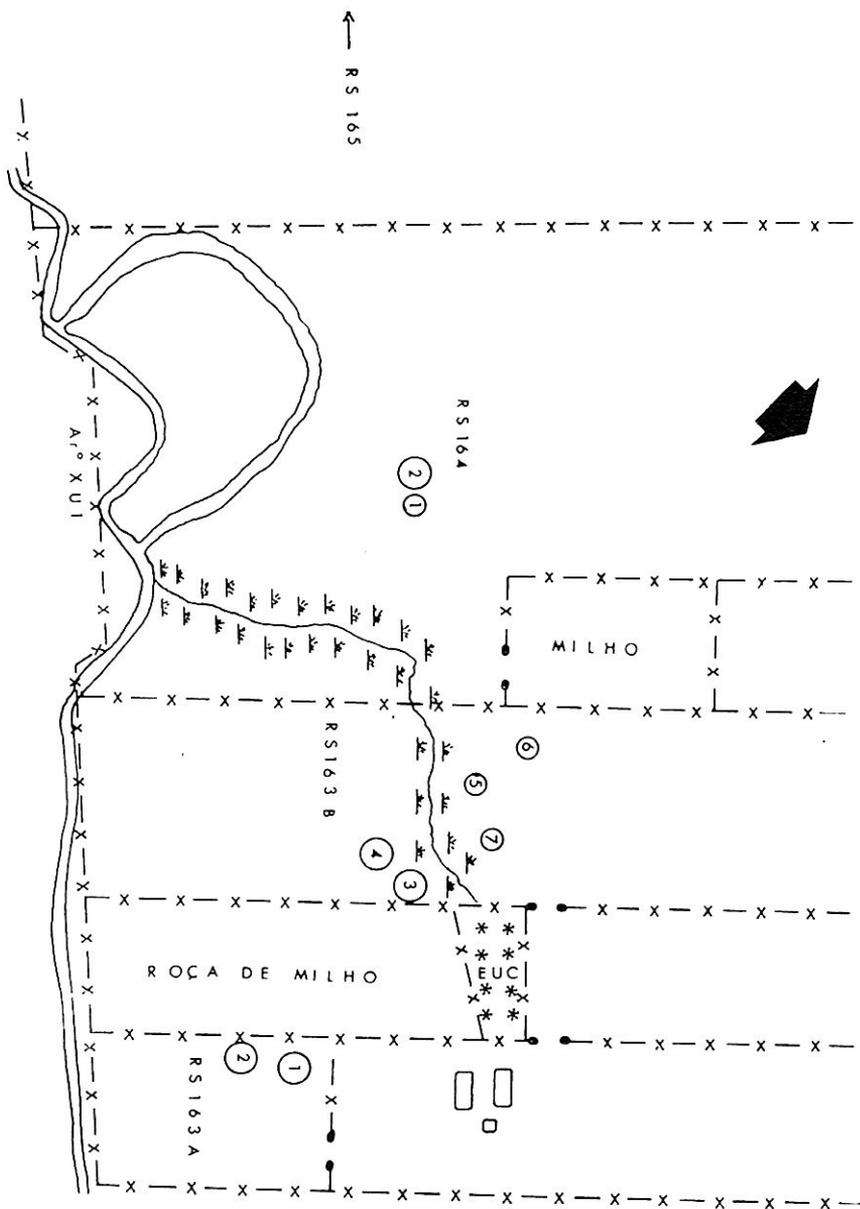
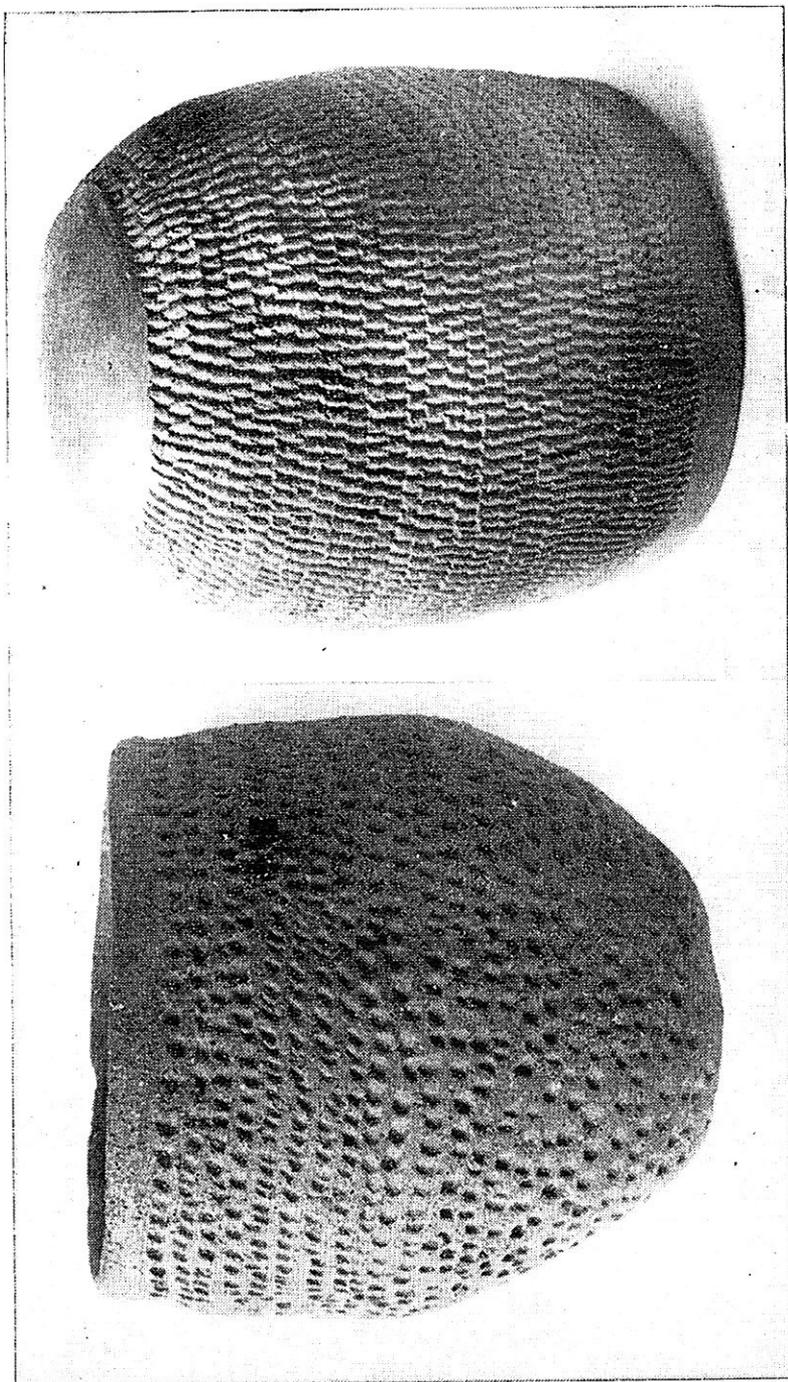
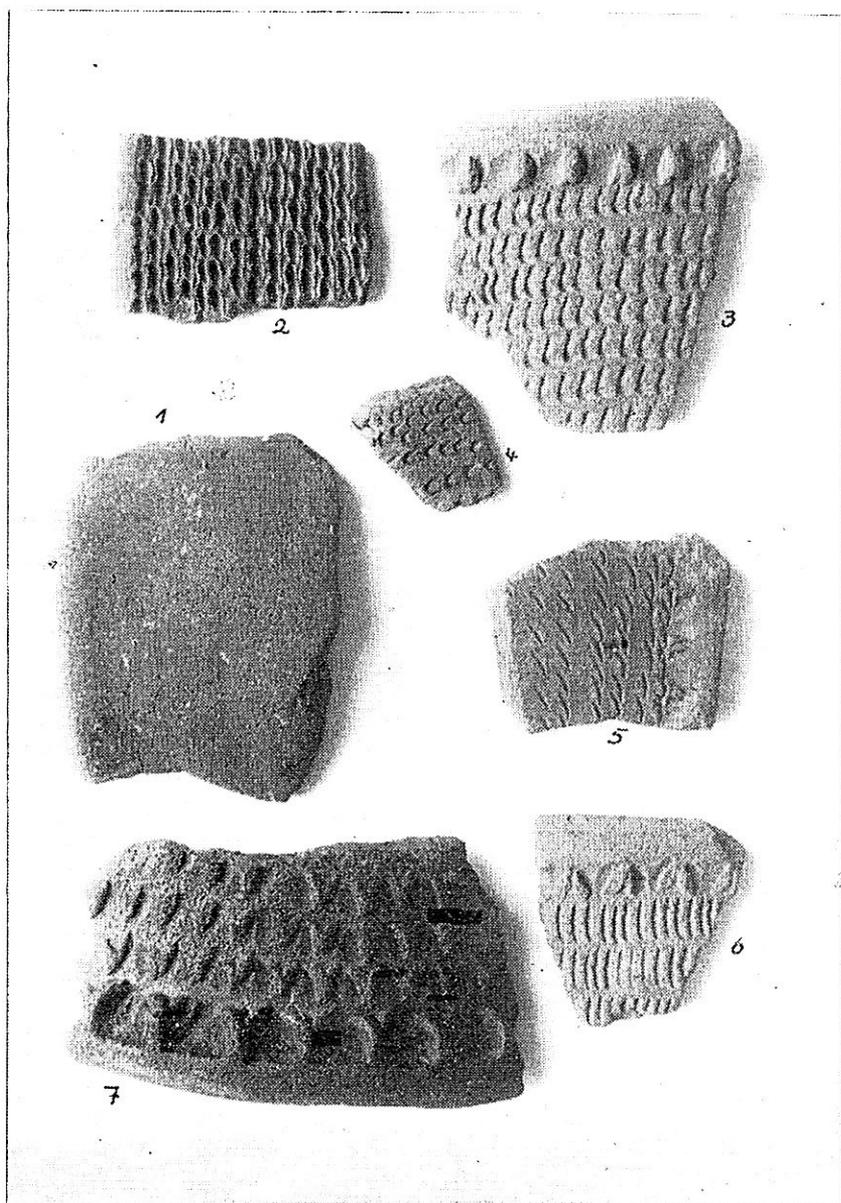


Fig. 5 — Uma aldeia de "cerritos", junto ao arroio Chui. Escala 1:5000.  
Desenho de La Salvia.



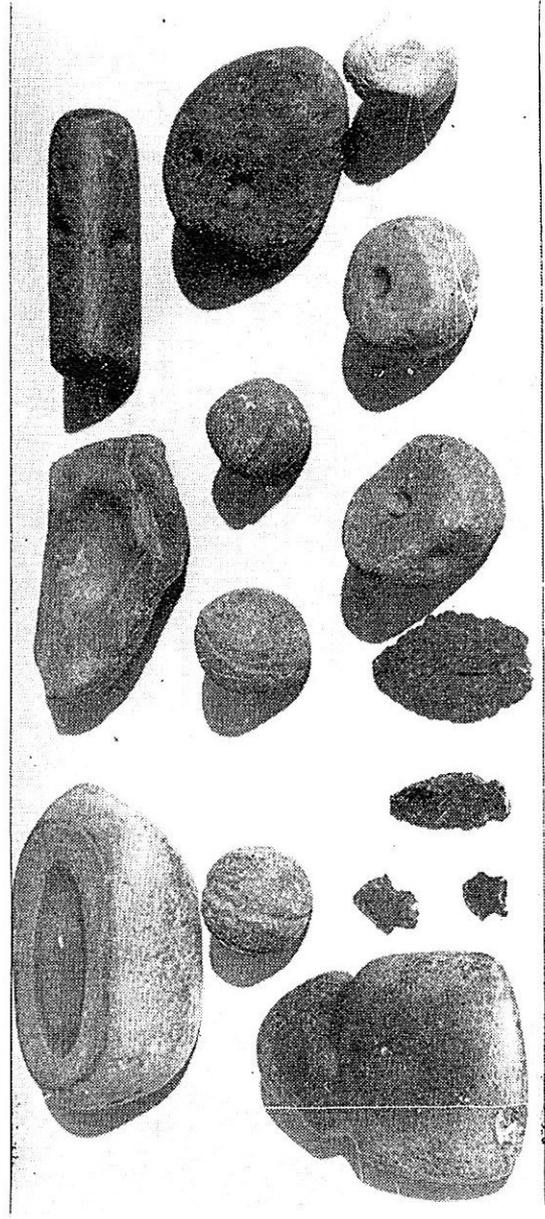
Prancha I — Cerâmica das casas subterrâneas: panelinha ponteadada, com 8 cm de altura; panela com 18 cm de altura, com decoração impressa.



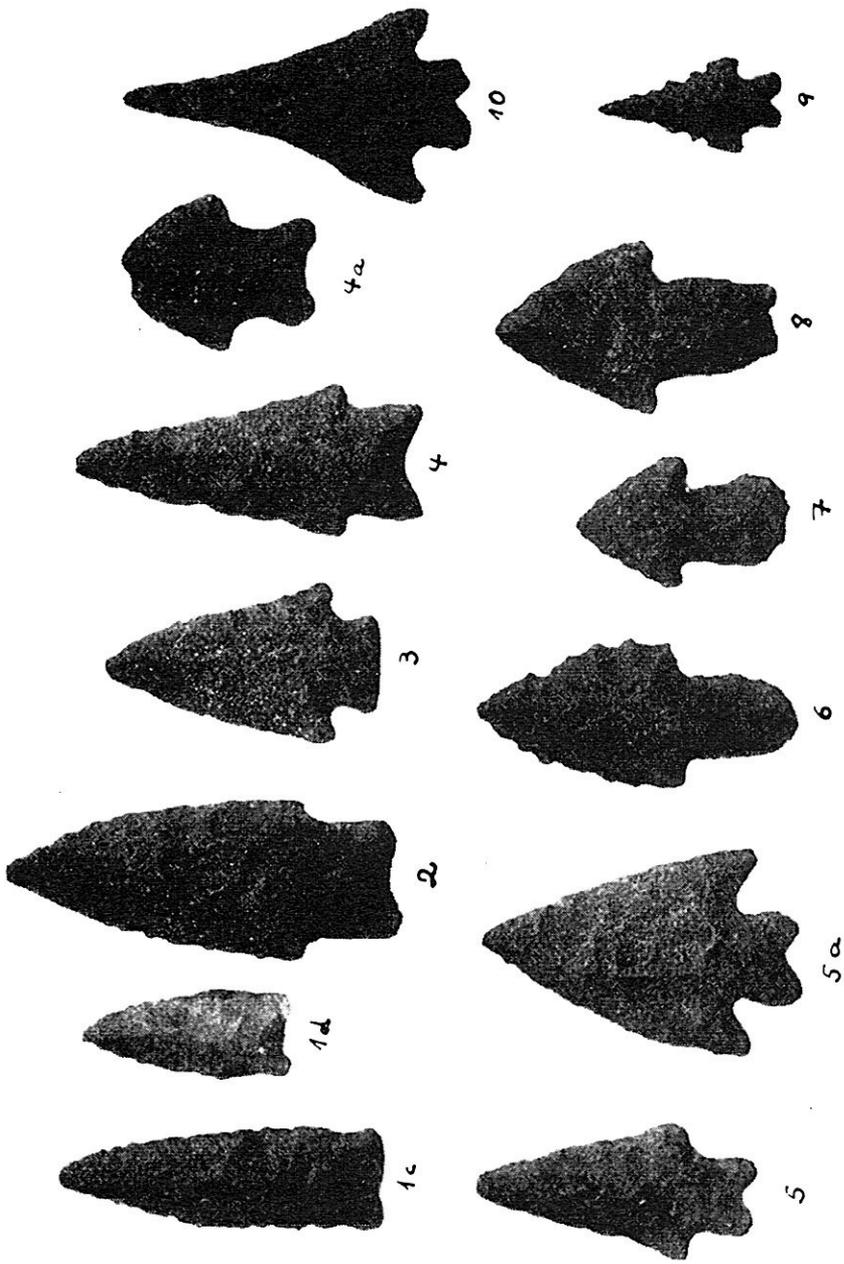
Prancha II — Alguns tipos de cerâmica das casas subterrâneas: 1 simples, 2 ponteadas, 3 e 4 impressas, 5 ungulada em linhas, 6 ungulada em faixas, 7 beliscada.



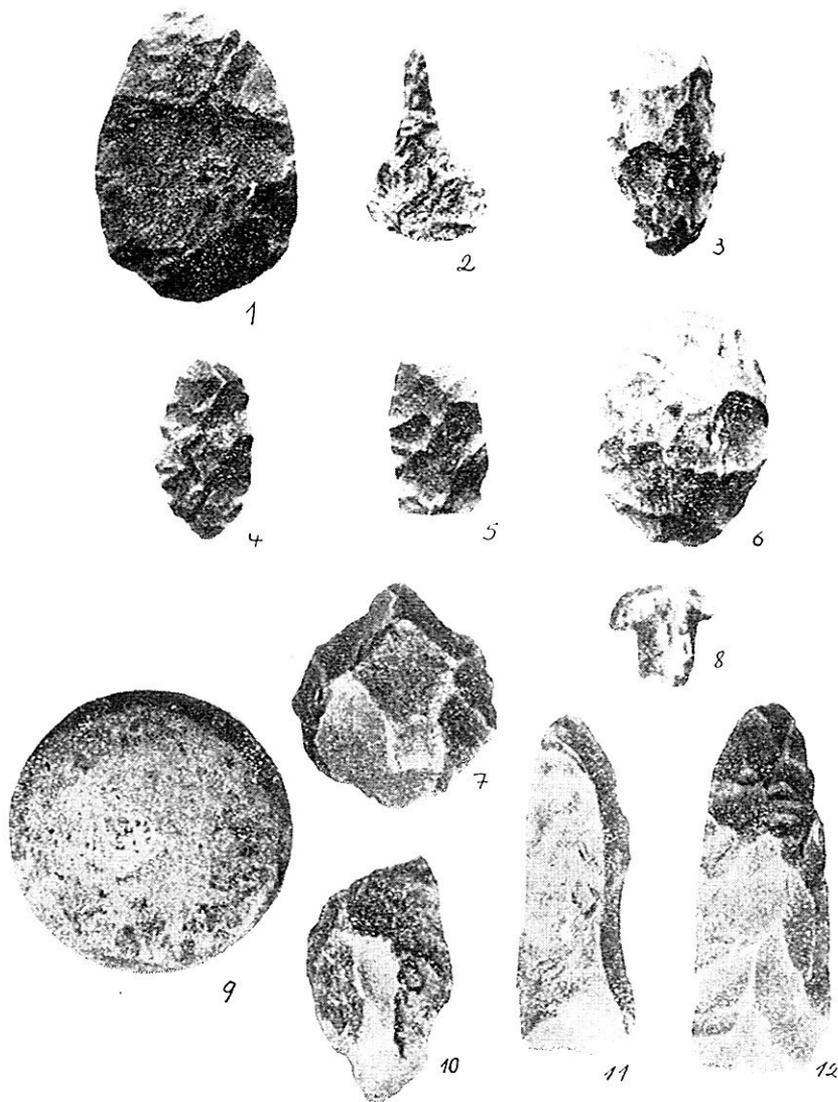
Prancha III — Em cima material lascado do SW do Rio Grande do Sul: raspador alto sôbre bloco, raspador discoidal sôbre bloco, raspador terminal sôbre lasca, raspador sub-circular sôbre lasca (na fila de cima); lasca com ponta simples (no meio); faca de dois gumes com entalhes para possível encabamento, biface, pedra com entalhe; lasca com ponta entre dois entalhes. Em baixo vista de um cerrito típico.



Prancha IV: — Material dos cerritos: polidores, mão de pilão com 5 depressões semi-esféricas, machado de garganta, 3 boleadeiras, 4 pontas de flecha, pedras de diversos formatos com depressão semi-esférica, pedra com facetas. (Da coleção Emídio Martino).



Plancha V — Os tipos das pontas de flechas da fazenda Rio Pardo; os números correspondem aos tipos descritos. Aproximadamente 2/3 do tamanho natural.



Prancha VI — 1-8 e 10-12 material lítico da fase Rio Pardinho; 9 da fase Trombudo. 1 — Biface perfeito amidalóide; 2 — Furador; 3 — Lesma; 4 — Ponta foliácea sem pedúnculo nem aleta; 5 — Pequeno biface quebrado; 6 — Raspador em dorso de tartaruga; 7 — Raspador alto; 8 — Pequeno uniface encabado; 9 — Pedra discoidal; 10 — Raspador em ponta; 11 — Faca longa de gume bem retocado; 12 — Machado lascado.

# PESQUISAS

## Publicações de Antropologia

1. Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 1, 1957, 122—142.
2. Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo — José de Moura, SJ. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul) — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 3, 1959, 199—266.
5. A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. Objetos Zoomorfos do Litoral de Sta. Catarina e Paraná — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. Juan del Oso en los Tuztlas — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp.
10. Os Münkü. 2.<sup>a</sup> Contribuição ao estudo da tribo Iranche — José de Moura, SJ. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961) — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.
15. Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1966, Antropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.

## **VALE DO RIO DOS SINOS**

**Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos**

Publica trabalhos de pesquisa e artigos dos Professores e Alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinários.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

**Enderêço:**

Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos  
Praça João Pessoa, 35 — Tel. 16 — São Leopoldo, RS,  
Brasil.

## **ESTUDOS LEOPOLDENSES**

**Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras  
de São Leopoldo**

Publica trabalhos de pesquisa dos Professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

**História e Ciências Sociais**

**Educação**

**Filosofia**

**Letras**

**História Natural**

**Matemática**

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

**Enderêço:**

Estudos Leopoldenses — Praça João Pessoa, 35 —  
São Leopoldo, RS, Brasil.